



Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Antropologia

**DISCURSO EXPOSITIVO DO
MUSEU DA LOURINHÃ**

Propostas para o futuro

Simão Mateus

Trabalho de projecto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Museologia: Conteúdos Expositivos

Orientadora:
Professora Doutora Nélia Dias, Professora Associada
ISCTE-IUL

Junho, 2010

RESUMO

Esta dissertação de mestrado baseia-se no Museu da Lourinhã, e pretende-se que seja visto como um trabalho académico com forte sentido prático e utilitário para o objecto de estudo, o referido museu.

O Museu da Lourinhã é famoso pela sua colecção única de dinossauros, e as suas principais características são, por um lado, deste museu ser associativo, e por outro lado possuir três tipos de colecções: arqueologia, etnologia e paleontologia.

Este trabalho faz um levantamento histórico do museu e um reconhecimento das suas características e do seu acervo com objectivo de propor um novo discurso expositivo para as suas colecções de arqueologia e etnologia.

PALAVRA CHAVE

Museu da Lourinhã; Exposição; Etnologia; Arqueologia; Dinossauros

ABSTRACT

This dissertation is about the Lourinhã Museum, and was written with a practical purpose of being of use to the referred institution.

The Lourinhã Museum is famous for its unique dinosaur collection. Its main characteristics are that it is a nonprofit organization and that it has three distinct collections from archaeology, ethnology and paleontology.

This dissertation describes the history of the museum, how collections were collected and its ways of display with the aim of proposing a new way of display/ or a new exhibition focused on the archaeological and the ethnographical collections with the purpose of proposing a new form of exhibition for the archeology and ethnology collections.

KEY-WORDS

Lourinhã Museum; Exhibition; Ethnology; Archeology; Dinosaurs

Agradecimentos:

aos meus colegas de trabalho, que me apoiaram em tudo o que precisei no museu; e aos que não acreditaram em mim, porque me motivaram a estudar para fazer mais e melhor;

aos meus colegas de mestrado, por todo o percurso de dois anos que percorremos juntos, pela camaradagem, pelas dicas, pelas explicações de conceitos que eram vagos para mim, muito obrigado Bruno, Carla, Catarina, Cláudia, Cristina, Filipe, Isabel, Lara, Mário e Serafina;

à direcção do GEAL, na pessoa do seu presidente, Hernâni Mergulhão, por me facultar o acesso a todos os materiais de que necessitei e por me conceder tempo, sempre que necessitei, para assistir às aulas;

aos meus professores pela ajuda que me prestaram de cada vez que a isso foram solicitados, e nomeadamente à coordenadora do mestrado, a professora Luísa Tiago Oliveira, pelas tentativas em não nos deixar atrasar;

à minha orientadora, professora Nélia Dias, pela correcções, sugestões e questões pertinentes que me foram conduzindo sempre a um trabalho melhor;

à minha família, mas especialmente aos elementos que se envolveram mais no meu mestrado: ao meu pai, à minha irmã Marta (e Marcelo), que sempre se prontificou a fazer cobaia no papel de público comum, ao meu companheiro Pedro pela compreensão e apoio durante todo o tempo do mestrado; e à minha mãe pelas inúmeras horas que passou a explicar-me, a corrigir-me, num processo que tomou quase como seu;

e a todos aqueles que, de uma forma ou de outra me foram apoiando, aturando e partilharam comigo esta aventura.

Tu que tens um saber profundo
és engenheiro e vês bem
faz uma ponte onde o mundo
passe sem esmagar ninguém

António Aleixo

entram velhas doidas e turistas
entram excursões
entram benefícios e cronistas
entram aldrabões
entram marialvas e coristas
entram galifões
de crista

Excerto da «Tourada» José Carlos Ary dos Santos

Sobre citações:
«de tudo isto há-de carecer o meu livro, porque não tenho que assinalar
à margem nem que anotar no fim, nem tão pouco sei que autores sigo
neles, (...) e porque sou naturalmente inimigo do trabalho e não tenho
pachorra para andar à procura de autores que digam aquilo que eu sei
dizer sem eles.»

Do prólogo de «O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha» de Miguel Cervantes

Aos meus pais

DISCURSO EXPOSITIVO DO MUSEU DA LOURINHÃ

Propostas para o futuro

Simão Mateus

Índice

Introdução.....	1
Metodologia.....	5
CAPÍTULO I - O Museu da Lourinhã	6
Contexto Geográfico e Cultural	6
Historial e Características	7
Associação e constituição.....	7
Historial do Museu	9
A popularidade dos dinossauros	10
Organização.....	12
Públicos	14
Visitas guiadas.....	16
Fundadores	17
O acervo.....	18
Concurso Internacional de Ilustração de Dinossauros – CIID.	20
A exposição.....	21
O edifício e contingências.....	23
CAPÍTULO II – Enquadramento teórico	29
Arqueologia	30
Etnografia	31
Discurso expositivo	32
Materiais interpretativos	35
CAPÍTULO III - Propostas para o futuro.....	38
Sequência.....	41
Arqueologia	41
Etnografia.....	44
Etnografia Agrícola: Adegas.....	45
Etnografia Agrícola: Eira, Produção Animal e Pesca.....	45
Sala das profissões.....	46
Sala das colectividades e tempos livres	48
Sala da Lourinhã.....	49
Arte Sacra	52

Casinha rural.....	53
Conclusões.....	55
Bibliografia.....	58
Fontes.....	61
Entrevistas.....	61
Material impresso.....	61
Sítios da internet.....	62
Documentos do GEAL – Museu da Lourinhã.....	62
Anexos	
Sala da Arqueologia.....	i
Etnografia Agrícola, sala da vitivinicultura.....	ii
Etnografia Agrícola, sala da “eira”.....	iii
Salão das profissões.....	iv
Sala das Colectividades e Tempos Livres.....	viii
Arte Sacra.....	x
Pátio.....	xi
Pavilhão da Paleontologia.....	xii
<i>Curriculum vitae</i>	xiii

Introdução

Esta dissertação de mestrado baseia-se num museu concreto, o Museu da Lourinhã, e pretende-se que seja visto como um trabalho académico com forte sentido prático e utilitário para o objecto de estudo, o referido museu.

O Museu da Lourinhã é famoso pela sua colecção única de dinossauros, e as suas principais características são, por um lado, deste museu ser associativo, e por outro lado possuir três tipos de colecções: arqueologia, etnologia e paleontologia.

A Lourinhã é uma vila litoral do distrito de Lisboa, 60 km a norte da capital e sede de concelho. Contabilizou nos censos de 2001 uma população de 23 265 habitantes o que relevou um crescimento de 7,7% relativamente a 1991. Ainda assim constata-se um “acentuado fenómeno de envelhecimento da população residente, que, na actualidade, apresenta uma condição global de população muito envelhecida”¹. Na população residente empregada prevalecem os “operários, artífices e trabalhadores similares” (15,7%) e os “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pesca” (15,3%) num cenário de qualificações profissionais muito carenciado. Contudo existe um maior peso do sector terciário com 49,1%. Relativamente à instrução “a população residente no concelho da Lourinhã apresenta um quadro bastante carenciado, sendo que mais de 50% da população residente ou não possui nenhum nível de ensino ou somente o 1º ciclo do ensino básico.”². Um dado interessante para efeitos turísticos é de que “em termos absolutos, no total de alojamentos clássicos recenseados em 2001 no concelho, 8146 assumem a condição de residência habitual, 4081 são de uso sazonal/secundário e 1769 encontram-se vagos”³.

A Lourinhã é a única autarquia, nos concelhos que lhe são limítrofes, que não possui museu municipal, deste modo, o Museu da Lourinhã, sendo um museu associativo, ocupa a função do um museu municipal. As exposições de arqueologia e etnologia fazem do museu, claramente, um museu de identidade local, mas a exposição de paleontologia já tem, actualmente, um carácter de identidade nacional. Apesar de o

¹ As citações e informações referidas neste parágrafo foram retiradas de *Síntese dos conteúdos mais relevantes* em www.cm-lourinha.pt/_uploads/sintesedosconteudos.pdf que, como o nome indica, é uma síntese dos conteúdos mais relevantes referentes aos últimos censos sobre a Lourinhã.

² *idem*

³ *idem*

Museu da Lourinhã já possui um lugar de destaque no campo paleontológico Português, o facto de ser dirigido por uma associação com recursos financeiros limitados e muitas vezes com recursos humanos muito escassos e sem formação em museologia, leva a que as suas exposições revelem um certo amadorismo, mas também uma grande generosidade por todos aqueles que durante anos foram trabalhando para a criação, crescimento e manutenção das suas exposições.

Desde há anos que se vem a falar da criação de um museu na Lourinhã só para receber o espólio paleontológico, cujo último projecto se denomina *Mundo Jurássico*, co-autoria da associação que tutela o Museu da Lourinhã, a Câmara Municipal da Lourinhã, e a Audax. Este projecto, que visa a deslocação do acervo paleontológico para um novo espaço museológico, deixa (fisicamente) as outras duas colecções sem, no entanto, deixar de suportar parte da responsabilidade de manutenção das colecções de arqueologia e de etnologia.

A possível perda da colecção de paleontologia, e consequentemente de parte do público que se desloca especificamente para a visitar; o amadorismo⁴ com que as duas colecções, arqueologia e etnologia, foram criadas; e a necessidade de modernizar e adaptar o discurso expositivo ao público actual, principalmente para as colecções de arqueologia e etnologia (e mesmo que a cisão das colecções não se realize), leva à escolha do tema Discurso Expositivo do Museu da Lourinhã para esta dissertação de tese de mestrado. A análise do acervo e da exposição actual resultaram de observação directa e entrevistas, escritas e orais aos fundadores, e principais colectores das peças.

A criação do *Mundo Jurássico*, que se centra no Jurássico Ibérico, cuja primeira versão é de 1998, tem vindo a ser sucessivamente adiada e sofrido revezes políticos e institucionais. Se a concretização desse museu se vier a realizar num futuro próximo, é natural que este trabalho fique deficitário numa visão mais arrojada de futuro – o que até seria desejável. Mas se este trabalho partisse do pressuposto tomando como certo o *Mundo Jurássico*, era provável tornar-se um trabalho idílico, esperando anos pela realização do mesmo, sendo sucessivamente adiado e sem provável concretização.

Assim partiu-se da condição de trabalhar sobre os factos reais, concretos, à luz do que existe actualmente para o Museu da Lourinhã, e esses factos são a existência de três

⁴ Amadorismo aqui é utilizado verdadeiramente no seu sentido lato. Se por um lado quer dizer que é alguém que faz algo mas uma sem formação formal, por outro lado, e ligando à origem latina da palavra *amator*, significa alguém que faz algo “com amor”.

exposições, de arqueologia, etnologia e paleontologia num espaço museológico comum, que tem de conviver em coabitação e partilhar uma fonte de rendimentos comuns e um público específico, mais adepto dos dinossauros. No entanto, e de forma a que esta proposta expositiva não tenha uma utilidade somente num curto prazo, caso venha a ser construído o Mundo Jurássico, está sempre subjacente a hipótese de reformulação da exposição de forma a que esta seja facilmente transformada, com um mínimo de custos, a fim de a preparar a separação das exposições de arqueologia e de etnologia da exposição de paleontologia.

O primeiro capítulo deste trabalho é a apresentação do objecto de estudo, onde se aborda o contexto geográfico e cultural onde o Museu da Lourinhã se insere, a história do museu e da associação que o detém, a importância dos dinossauros, as características do museu: a sua organização, os seus públicos, visitas guiadas, constituição do acervo, análise do discurso expositivo e levantamento das condições do espaço. No levantamento da história do museu e da associação recorreram-se a fontes como actas, cartazes, notícias de imprensa, documentos pessoais e entrevistas com elementos fundadores do Museu da Lourinhã. A importância dos dinossauros foi trabalhada sobre artigos de congressos e imprensa especializada, fontes on-line do próprio museu e de paleontologia, e alguns artigos de imprensa regular. Alguns dos dados da organização do museu provieram do último Relatório de Anual de Contas, de 2009, enquanto que os dados sobre os públicos e as visitas guiadas são trabalhos do próprio autor desta dissertação no seu contexto profissional. O levantamento das características do edifício e suas contingências já havia sido trabalhado previamente pelo autor para duas unidades curriculares do mestrado onde se insere esta tese: *Arquitectura de Museus e Conservação e Manutenção*, e foram obtidas por observações directas.

No segundo capítulo, de revisão bibliográfica, pretende-se acompanhar uma série de questões museológicas que surgiram ao longo do trabalho e que se fundamentam com bibliografia temática especializada. Essa bibliografia surgiu de pesquisa que foi sendo feita ao longo da parte curricular do mestrado, proposta pela orientadora de mestrado, e procurada pelo autor sempre que levantada uma questão que precisasse de fundamentação para a sua resposta.

No terceiro e último capítulo, *propostas para o futuro*, recupera-se o estudo do acervo, com uma análise mais detalhada, sendo apresentado um discurso expositivo que se

espera mais atractivo, actualizado, e de encontro às expectativas do público em resposta às necessidades do museu. As alterações que se propõem são aquelas que parecem ser exequíveis para as características do Museu da Lourinhã, tomando em conta o seu orçamento, o espaço físico e o acervo. Algumas das propostas provêm de leituras da bibliografia, de soluções encontradas noutros museus e de ideias do próprio autor que surgem de necessidades de encontrar soluções face a problemas concretos do Museu da Lourinhã.

Durante toda a pesquisa que se fez, dois autores, Neil Kotler & Philip Kotler (1998) destacaram-se na concepção global, mas concreta, que tinham do discurso expositivo, e do que era necessário não perder de vista. Os cinco elementos básicos, propostos por Kotler & Kotler (1998:174) necessários ao processo de tomada de decisão que um museu precisa de ter no que oferecer aos seus visitantes são:

- 1) Arquitectura interior e exterior
- 2) Os objectos, as colecções, as exposições
- 3) O material *interpretativo*: legendas, textos, catálogos, etc.
- 4) Os programas do museu: visitas guiadas, palestras, concursos, etc.
- 5) Os serviços que o museu oferece: bar, biblioteca, loja, etc.

Se limitássemos estes pontos ao espaço das salas que nos propomos trabalhar, poderíamos reduzir os cinco elementos básicos para: 1) espaço físico (arquitectura); 2) os objectos (acervo); 3) as legendas e cartazes (material interpretativo); 4) as visitas guiadas (como serviço do museu), e 5) os próprios visitantes (público). Como veremos estes cinco elementos irão ser tidos em conta ao longo do trabalho e será sobre eles que nos debruçaremos.

Metodologia

O papel de investigador que o autor desta dissertação apresenta está “contaminado” pelos outros múltiplos papéis que o mesmo tem com o objecto de estudo e os seus diversos intervenientes, por isso não se deve partir do pressuposto da imparcialidade do discurso e das observações que faz e os comentários que produz. Mas este desdobramento que faz do autor investigador, funcionário, sócio nº 19, e que possui relações familiares com alguns dos inquiridos, não é sinónimo de que não tenha havido um cuidado de procura incessante de isenção e neutralidade, muito maior do que, possivelmente, com outros estudos em que o autor não esteve comprometido contratualmente e afectivamente. O autor trabalha no museu com a função prioritária de guia apesar de possuir polivalência de funções, entre as quais a recolha de alguns dados como estatísticas de visitantes e monitorização do controlo ambiental, o que lhe permite o acesso privilegiado a algumas informações. Em termos de recolha histórica sobre o museu, a grande familiaridade com os fundadores (seus pais) e o conhecimento íntimo, presencial, de como alguns dos factos ocorreram levaram a que algumas matérias dispensassem a procura exaustiva de fontes com seria de esperar num trabalho deste tipo. Mesmo assim procedeu-se a uma série de entrevistas por correio electrónico a fim de se obter uma maior objectividade, a que a escrita obriga, e uma ter documentação de base.

Durante a dissertação deste trabalho foram utilizadas dois tipos de citações: sempre que possível utilizaram-se citações *ipsis verbis*, que foram assinaladas enquanto tal, entre aspas, e com referência ao número da página de onde foram extraídas; outras vezes o texto original teve de se compor para beneficiar a sequência de leitura deste trabalho sem, no entanto, alterar o sentido da frase, neste caso a referência bibliográfica não aparece com a nota de página pois a citação *ipsis verbis* não existe. Sempre que se considerou relevante anexar uma nota para melhor compreensão da origem da informação (fontes ou bibliografia), esta ficou em rodapé.

CAPÍTULO I - O Museu da Lourinhã

O Museu da Lourinhã é um museu associativo, não pertencente ao Estado mas sim a uma associação sem fins lucrativos denominada GEAL – Grupo de Etnologia e Arqueologia da Lourinhã. É um museu misto e pluridisciplinar⁵ cujo carácter de unicidade é-lhe conferido pelos dinossauros, mais concretamente, pelos achados paleontológicos do Jurássico Superior, apesar de ter também uma colecção considerável de etnografia e arqueologia.

Contexto Geográfico e Cultural

A Lourinhã é o concelho mais a norte do distrito de Lisboa, distando 60 km da capital. O acesso pode fazer-se pela A8 não sendo o concelho servido por outro transporte público que não seja rodoviário. É uma vila, sede de concelho, com uma população total de 23 mil habitantes que se distribuem por 11 freguesias numa área de 146 km².

O concelho da Lourinhã faz fronteira, entre outros, com Peniche e Óbidos que, culturalmente, são pólos de atracção turística muito forte, destacadamente Óbidos. Nos últimos tempos o concelho de Bombarral começou a oferecer uma nova atracção turística que é a Quinta dos Loridos com o *Jardim do Éden*, ou “Jardim dos Budas” como é normalmente chamado. Não se deve esquecer a proximidade com Caldas da Rainha que possui dez museus.

No concelho da Lourinhã, e aberto ao público, existe o Museu da Lourinhã, o Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro (inaugurado em 2008, durante as comemorações do segundo centenário da efeméride) e o Museu Rural do Reguengo Grande⁶. Outros pólos de atracção turística e cultural são a Santa Casa da Misericórdia (com os quadros do Mestre da Lourinhã, actualmente encerrada) a Igreja do Castelo (apenas aberta ao culto) e o Forte de Paimogo (também encerrado).

A organização entre estes diversos pontos de interesse da Lourinhã é trabalhosa pois todos eles são geridos por entidades diferentes, desde a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, a Junta de Freguesia do Reguengo, a Paróquia, a própria Câmara e, naturalmente, o GEAL. Em algumas ocasiões específicas o Museu da Lourinhã já

⁵ *Museu Misto e Pluridisciplinar – Museu com colecções heterogéneas que não apresentam uma predominância inequívoca de uma determinada colecção sobre outra.* (DES/SIC, 2005) Esta é a classificação na qual cai o Museu da Lourinhã e foi transmitida oralmente por um dos coordenadores.

⁶ O Museu Rural do Reguengo Grande é mais uma sala de exposições de alfaías agrícolas do que um museu propriamente dito.

coordenou as aberturas, ou visitas pontuais, à Igreja do Castelo e às pinturas do Mestre da Lourinhã.

Culturalmente, e a atestar a relevância das descobertas de dinossauros na Lourinhã, em 2003, na revista *CAIS*, o presidente da Câmara, José Manuel Custódio, refere o “património paleontológico a nível mundial”⁷ no editorial da revista com o título *Lourinhã Capital dos Dinossauros*, título esse que iria ser lançado mais tarde, durante as comemorações do 140º aniversário da primeira descoberta de vestígios de dinossauros em Portugal (na Lourinhã), e do 19º aniversário do Museu da Lourinhã, e título que vai ser registado em 2004 a nível da União Europeia e passado a epíteto da vila.

Historial e Características

Não é possível compreender o discurso expositivo do Museu da Lourinhã sem conhecer um pouco a sua história associativa, expansões físicas e descobertas determinantes.

Associação e constituição

Como já referido, o Museu da Lourinhã tem tutela privada, de uma associação sem fins lucrativos, GEAL, reconhecida como Pessoa Colectiva de Utilidade Pública, conforme Diário da República, II série, nº 167 de 21/07/2000. Não sendo um museu público, consequentemente não faz parte da Rede Portuguesa de Museus nem do Instituto do Museus e Conservação (IMC).

A associação nasceu em 1979 através de um grupo chamado GEL – Grupo de Espeleologia da Lourinhã, sendo constituída formalmente enquanto associação em 1981 com o nome de GEAL. Com o passar dos anos e o acumular de peças que os associados consideravam possuir interesse histórico, começa-se a formar a ideia de um museu que acaba por ser inaugurado em 1984.

Como museu de associação que é, este começa por um pequeno conjunto de pessoas das quais se vão destacar um casal que funciona para o museu como a figura de coleccionador. Estes dois fundadores, como mentores, mantêm-se em funções directivas até 2007 tendo desempenhado um papel de gestão e de concepção expositiva.

A 1 de Janeiro de 2010 a associação contava com 453 sócios activos, sendo 23 menores, e 5 honorários. Entre os sócios honorários dois são fundadores do museu, cujas figuras

⁷ A sublinhado no texto, José Manuel Custódio, 2003.

serão abordadas mais tarde, e os outros três são doutorados em paleontologia e que pertencem ao conselho científico do próprio museu: Philippe Taquet, director do Muséum National d’Histoire Naturelle (Paris) à altura da sua admissão de associado, Miguel Telles Antunes, da Universidade Nova de Lisboa, e José Bonaparte, director do Museu de Ciências Naturais de Buenos Aires (Argentina) à altura da sua admissão de associado. Nos sócios activos há ainda 4 colectivos, associações ou empresas, e 21 associados de outras nacionalidades. Metade dos sócios estrangeiros são ou foram pessoas que de alguma forma estão ou estiveram ligados à paleontologia através de museus, teses de mestrado ou de doutoramento. Nos sócios nacionais existem também algumas figuras públicas que, de alguma forma, se quiseram associar ao projecto do GEAL, sejam elas figuras políticas ou pertencentes ao ramo da investigação científica. A quota mínima é de 12 euros anuais.

A admissão de associados foi flutuando ao longo do tempo (Gráfico 1). Nos primeiros nove anos (1981-1989) associam-se 50 pessoas e em 1997, com uma maior mediatização do museu, o afluxo de associados passa a ser maior. Uma crise directiva em 2007 leva a uma maior procura de inscrições provando, de certa forma, alguma vitalidade e preocupação por parte da comunidade pelos desígnios do GEAL.

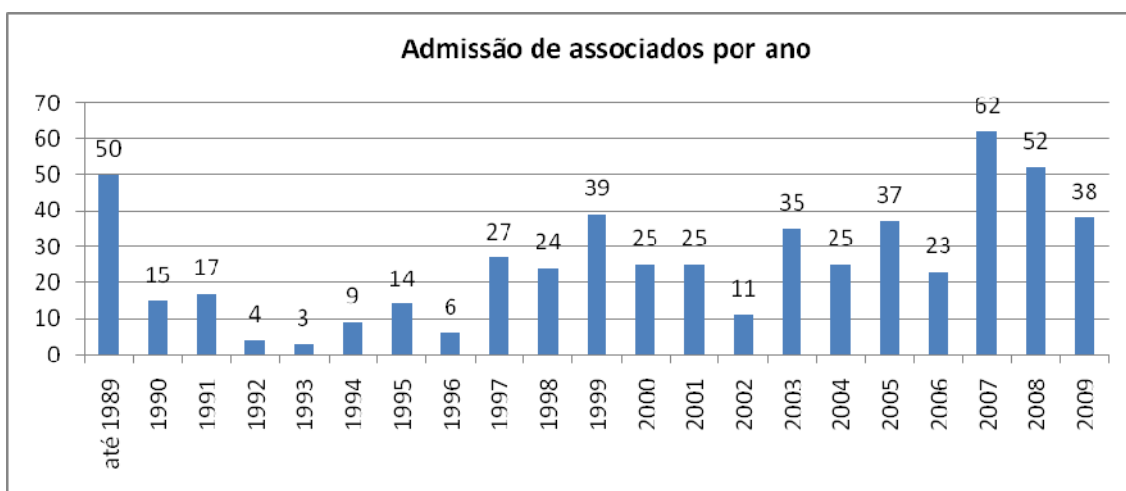


Gráfico 1: Admissão de associados por ano. A primeira coluna corresponde ao período 1981-1989.

Segundo José Soares Neves e Jorge Alves dos Santos (2006)⁸, num estudo sobre a tutela dos museus portugueses, os museus com tutela privada, em 2005, representavam 38,5

⁸ Citando como fonte OAC/BDmuseus

%, sendo desses museus não “públicos”, os que eram geridos por uma associação sem fins lucrativos 37,0%.

Historial do Museu

Após a constituição formal da associação em 1981, o museu abriu a 15 de Julho de 1984 sob a designação de “Centro de Exposição e Estudos do GEAL”. Na altura o museu cingia-se ao edifício do antigo tribunal ocupando o rés-do-chão e o primeiro andar.

Um ano depois, em 1985, o museu expandiu-se para o pátio onde ocupou o que era o curral da antiga junta de freguesia, e uma casa de habitação social para os retornados, após o 25 de Abril, e que estava a servir de armazém para as giestas, com que eram feitas as vassouras de varrer as ruas. A 18 de Abril de 1988 as obras para a nova sede da Junta de Freguesia, contígua à parede norte do Museu, fizeram ruir a parede levando o museu a encerrar por o período de um ano reabrindo a 10 de Junho de 1989. Durante o processo de reconstrução da parede, o museu “conquistou” mais uma zona descoberta, a continuação do pátio, e duas casas que iriam servir de reservas e laboratório. Em 2003 decorreram obras de ampliação com o demolir do edifício devoluto onde havia funcionado o Sporting Clube da Lourinhã e o Corpo Nacional de Escuteiros e criação dos actuais espaços de paleontologia, loja, serviços administrativos e laboratórios. Este espaço foi inaugurado a 1 de Fevereiro de 2004.

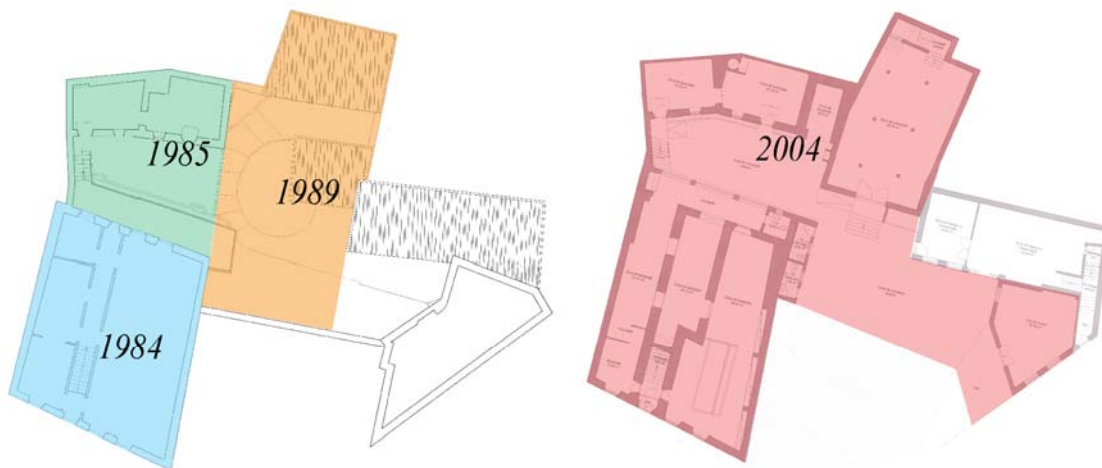


Ilustração 1: Evolução das áreas expositivas do museu

Em termos públicos a primeira exposição do GEAL (nessa altura ainda não havia o museu) foi em 1982, na actual escola Dr. João das Regras onde se ministrava o 5º e 6º ano. O GEAL já havia participado em 1982 na escavação arqueológica da gruta da

Feteira, uma necrópole neolítica, e o acervo de lá retirado começou a revelar a necessidade do concelho possuir um museu de depósito e exposição das peças. Após a exposição na escola, o Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), cedeu os antigos armários da sua exposição permanente ao GEAL que expôs os seus achados arqueológicos e também paleontológicos na Igreja do Castelo. Em 1981 foi atribuída uma sede ao GEAL na sala de projecção do pavilhão da Casa do Povo, que funcionaria também como reservas e laboratório. Em 1983 a associação ocupou o edifício que é hoje a parte antiga do Museu da Lourinhã.

Após a escavação arqueológica da gruta da Feteira, dirigida pelo Professor João Zilhão, em 1982 deu-se a descoberta de um dinossauro saurópode que levou a três grandes escavações paleontológicas, em 1987, 1988 e 1992, com o apoio do Museu Nacional de História Natural, dirigida pelo Professor Galopim de Carvalho. Este grande saurópode veio a revelar-se a primeira espécie única da Lourinhã, um *Dinheirosaurus lourinhanensis*, e começou a desvendar a importância que a vila viria a ter para a paleontologia nacional. Entretanto o GEAL leva a cabo escavações de outros animais do Jurássico, incluindo crocodilos, e em 1997 foi levado a público a descoberta de um ninho de *Lourinhanosaurus*. Mais uma vez uma espécie única no mundo e cujo ninho se torna o mais antigo do mundo com a presença de ossos de embriões, e o maior da Europa. Esta investigação científica, já supervisionada pela Universidade Nova de Lisboa, na pessoa do Professor Miguel Telles Antunes, confirma, indubitavelmente, a importância da Lourinhã, só que desta vez a nível mundial: em 1997 o museu abre as notícias da CNN com este achado!

A popularidade dos dinossauros

W.J. Thomas Mitchell (1998) refere na introdução do seu livro *The Last Dinosaur Book* que há provavelmente mais imagens de dinossauros desde o final do século XX do que dinossauros no mesozóico e isso devido ao maior exportador de imagens que foi o *Jurassic Park*. É comum ouvir-se falar do fenómeno da *dinomania* que surgiu após o aparecimento dos filmes (1993 o *Jurassic park*, 1997 *The Lost World* e 2001 o *Jurassic Park III*) e que levou a que as crianças passassem a estar mais interessadas nos dinossauros (Kotler & Kotler, 1998). À afeição por estes animais alimentada pela saga, juntam-se as descobertas destes fósseis na Lourinhã e a consolidação de uma equipa de investigação paleontológica. Por outro lado a descoberta dos trilhos de dinossauros da Pedreira do Galinha em 1994 reforça e centraliza a procura destes animais na zona

Oeste. Contudo, a pedreira não apresenta outros fósseis que não as pegadas e veio reforçar o papel do Museu, com os seus fósseis mais variados, no panorama paleontológico Português.

Assim os dinossauros têm, desde 1992, um papel importante como atracção de visitantes e que vieram a ser um diferenciador em relação ao acervo de outros museus. A Lourinhã iria revelar-se um dos municípios da Europa mais profícuo em fósseis de dinossauros do Jurássico Superior. Descobre-se que o dinossauro escavado na praia de Porto Dinheiro é uma espécie nova para a ciência denominando-se *Dinheirosaurus lourinhanensis*, Bonaparte & Mateus (1999)⁹, a que se seguem o *Lourinhanosaurus antunesi*, Mateus (1998), o *Draconyx loureroi*, Mateus & Antunes (2001), *Allosaurus europaeus*, Mateus et al. (2006) e o *Miragaia longicollum*, Mateus, Maidment & Andersen (2009). Este último dinossauro foi considerado uma das dez descobertas científicas de 2009 mais importantes de Portugal por parte do *Diário de Notícias*¹⁰. Os paleontólogos tiveram sempre o cuidado de, ao baptizar uma nova espécie identifica-la com a Lourinhã ou com uma das suas aldeias, e o mesmo veio a acontecer com renomeações de dinossauros, como o *Lusotitan atalaiensis*, antes *Brachiosaurus atalaiensis*, após Antunes e Mateus (2003), *Lourinhasaurus alenquerensis*, antes *Apatosaurus alenquerensis*, após Pedro Dantas et al. (1998)

Atestando a riqueza destes animais Octávio Mateus e Hernâni Mergulhão (2008)¹¹ afirmam «tendo em consideração a sua dimensão, Portugal é um dos países mais ricos em vertebrados fósseis mesozóicos» onde se incluem os dinossauros. Se fizéssemos uma relação de número de géneros de dinossauros por área geográfica, Portugal, que é o sétimo país do mundo em valores absolutos, passaria a ser o país com maior concentração de géneros por m², como se pode perceber pelo gráfico seguinte.

⁹ Por os dinossauros não terem nomes comuns, são seguidas as regras do Código Internacional de Nomenclatura Biológica em que o nome de uma espécie é composto pelo nome de género e epíteto específico, ambos em itálico, o nome (apelido) do autor que o descreve e, entre parêntesis, o ano da sua descrição/publicação. No entanto o nome assim composto não deixa de ser uma referência bibliográfica que nalguns casos de artigos científicos na área das ciências naturais dispensa a sua complementaridade na bibliografia. Precisamente por este não ser um artigo científico da área das ciências naturais esta bibliografia existirá mas a sua referência em corpo de texto não será semelhante às outras que não se referem a nomes de espécie por estes terem primeiro de obedecer às regras de nomenclatura taxonómica.

¹⁰ "Dez descobertas científicas de 2009 com selo português" in *Diário de Notícias*, 2 de Janeiro de 2010.

¹¹ Comunicação "O Museu da Lourinhã, os dinossauros e o novo Museu do Jurássico" produzida no V Seminário do Património do Oeste, a 25 de Outubro de 2008, e publicada no blog *Lusodinos – Dinossauros de Portugal* a 11 de Novembro de 2008.

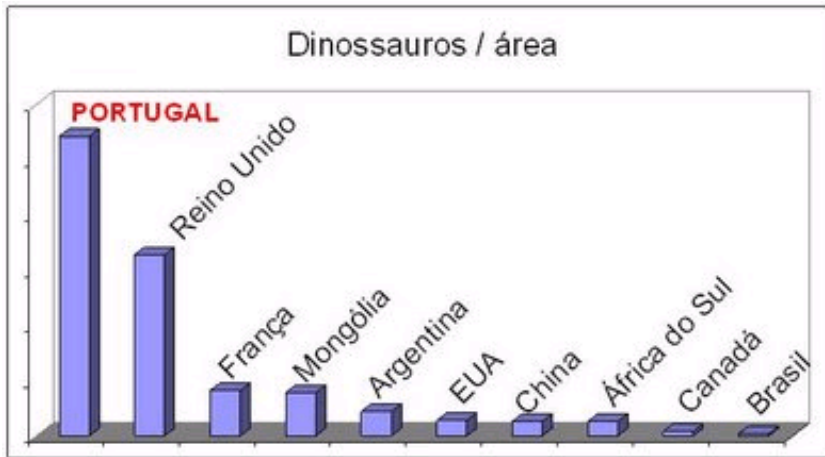


Gráfico 2: Distribuição de dinossauros por área (Fonte: Octávio Mateus)

Além da procura de dinossauros por parte do público, existe uma procura internacional e mais especializada por académicos que visitam com regularidade o Museu da Lourinhã e que muitas vezes são convidados a dar mini palestras. São disso exemplo Philip Currie, da Universidade de Alberta, Canadá, Louis Jacobs, da Southern Methodist University, EUA, Anne Schulp, da Natuurhistorisch Museum Maastricht, Holanda, Jesper Milan, do Instituto Geológico de Copenhaga, Dinamarca, Yoshitsugu Kobayashi, Hokkaido University Museum, Japão, Yuong Nam-Lee, Korea Institute of Geoscience, Coreia do Sul, entre outros. Todos eles nomes de referência na paleontologia.

Organização

O Museu da Lourinhã, por ser associativo, tem uma direcção que vai alternando por eleições a intervalos regulares de três anos (a partir de 2010 por remodelação de estatutos). Além da Direcção compõem os corpos sociais a Mesa da Assembleia-Geral e o Conselho Fiscal.

Exactamente por ser um museu associativo, a sua capacidade financeira e em matéria de pessoal é mais limitada em comparação com os museus estatais ou autárquicos.

O resumo de contas do museu encontra-se espelhado na seguinte tabela.

Tabela 1: Resultados da exploração de 2009 com as parcelas mais significativas.

Proveitos			Custos		
38%	Entradas	66.638,68 €	54%	Salários	79.968,45 €
29%	Subsídios (CML)	51.111,03 €	24%	Fornecimentos e serviços externos	34.987,74 €
28%	Vendas	49.929, 29 €	17%	Compras	24.523,70 €
5%	Outros		5%	Outros	

Baseado nos valores e percentagens apresentados no Relatório Anual de Contas de 2009.

Como é perceptível o volume das entradas é crucial para a sobrevivência do museu e o valor dessas entradas expressa-se na tabela 2:

Tabela 2: Preço e peso económico das visitas guiadas

	Visitas Simples		Visitas Guiadas	
	Preço	Peso	Preço	Peso
Adultos (> 12; < 65)	4,00 €	41,8 %	5,00 €	0,4 %
Dos 6 aos 12 e maiores de 65 Grupos	2,00 €	14,3 %	3,00 €	14,1 %
Cartão Jovem Cartão de Estudante	3,00 €	4,0 %	4,00 €	*
Crianças (0 aos 5) Professores e Jornalistas.	Grátis	**	1,00 €	0,3 %

* - Incluído no peso de visitas simples adultos, mas sem expressão significativa.

** - Sem peso económico dada a própria condição de gratuidade.

Este quadro, afixado à entrada mas sem as colunas do peso relativo, não contempla as visitas ao campo, de seis euros para alunos e dez euros em grupos inferiores a dez visitantes e que carecem de marcação telefónica prévia. Estas têm um peso de 25%. O museu tem ainda visitas gratuitas para todos os alunos das escolas do concelho da Lourinhã, professores e jornalistas mediante a apresentação de documento comprovativo (programa POP e JOP respectivamente), pessoas diminuídas física ou psicologicamente, e que vêm geralmente acompanhadas, e ainda alguns pedidos particulares após anuência da direcção.

O valor patrimonial do GEAL é o acervo, os sócios e os funcionários. O edifício, na verdade, é pertença da autarquia.

Os funcionários, por estatuto, não podem fazer parte dos corpos sociais da associação o que impede os técnicos do museu de assegurarem competências directivas.

Actualmente o pessoal do museu é composto por seis trabalhadores a tempo inteiro, três técnicos e três vigilantes recepcionistas, e, regra geral, um trabalhador contratado na

época alta para colmatar períodos de férias e picos de visitantes. Existe ainda uma equipa de três investigadores em paleontologia e técnicos voluntários, mais permanentes. Pontualmente o museu pode contar também com estagiários.

Públicos

O Museu da Lourinhã tem vindo a ter um acréscimo regular do seu público, com um total de 24824 entradas em 2009, como se pode verificar no gráfico 3.

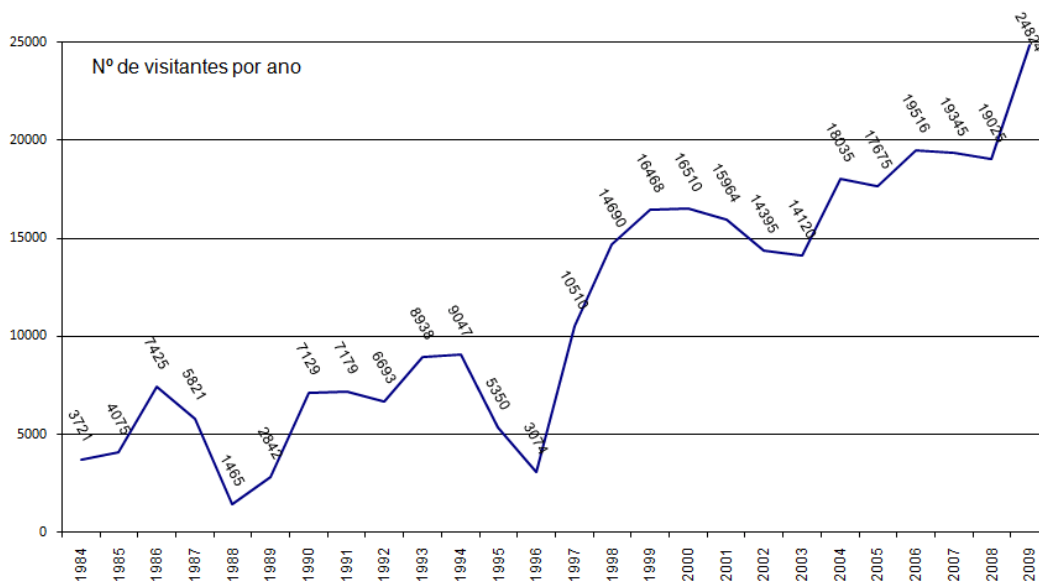


Gráfico 3: Evolução das entradas no museu 1984-2009

No entanto a distribuição dos visitantes não é uniforme ao longo do ano; pelo gráfico 4 podemos nos aperceber da existência de um público de Verão, que vem em visitas individuais ou em família, e de um público de Inverno/Época baixa, com as visitas em grupo a terem um peso relativo maior. As visitas em grupos escolares, geralmente visitas guiadas, constituem 30,4 % das entradas relativas a 2009 (ou 40,4% se considerarmos as visitas em grupo não guiadas).

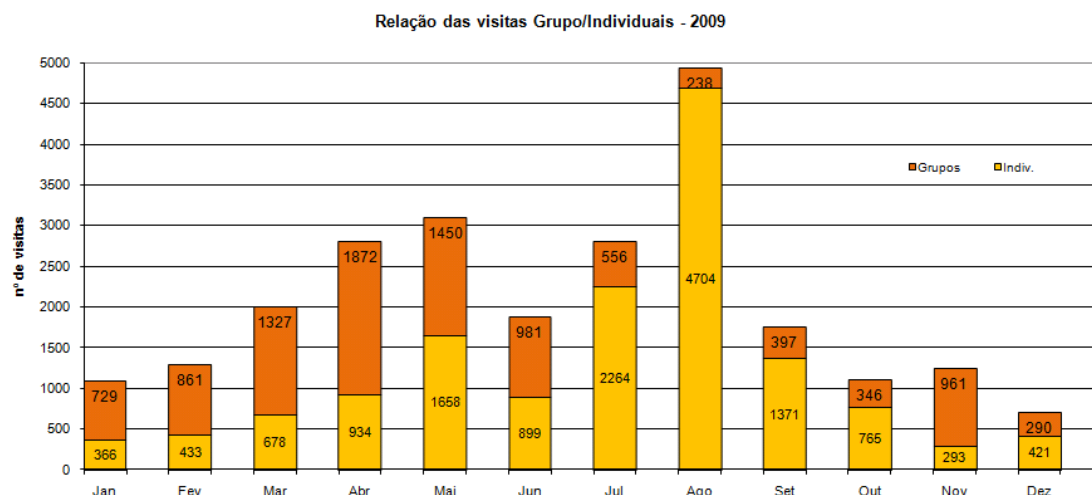


Gráfico 4: Relação absoluta dos visitantes por meses

De forma a melhor conhecer o público do museu, no ano lectivo de 2008/2009, realizou-se o primeiro estudo de públicos abrangente. Este baseou-se em dois inquéritos, um para o público escolar e outro para adultos, ou seja, visitantes do museu, adultos, ou adolescentes acima dos 16 que não viajem acompanhados por adultos e que, dentro desta população, não tenham ido em grupos organizados por terceiros, como agências e promotores de viagens. Os inquéritos eram só distribuídos a falantes de língua portuguesa.

O inquérito ao público adulto foi aplicado entre Novembro de 2008 e Agosto de 2009, por um período de 10 meses, com 22364 entradas (em período homólogo), sendo dessas 13333 visitantes individuais entre os quais 8118 adultos, 9031 visitantes em grupos escolares, 963 estrangeiros. O número de inquéritos entregues foi de 3186.

A caracterização do visitante resultante deste inquérito é a seguinte: “O visitante típico do Museu da Lourinhã é um casal, na casa dos 38 anos, acompanhado por dois filhos pequenos, moradores no distrito de Lisboa, com frequência do ensino superior. É a primeira vez que visitam o museu e demoraram quase uma hora a vê-lo. Aproveitaram o fim-de-semana ou as férias e foram mostrar os dinossauros aos miúdos. Sempre souberam do museu ou ouviram falar dele pela imprensa e pelos amigos. Há hipóteses de terem ido à internet obter informações prévias. Deslocaram-se em viatura própria e tiveram muita dificuldade em descobrir o museu na Lourinhã. É provável que visitem mais que um museu por ano. Do acervo o que gostaram mais foi a paleontologia e

acharam que as instalações e a acessibilidade eram precárias. Na generalidade gostaram muito do museu¹².

Como se pode perceber pelos números antes citados, durante os 10 meses de aplicação do inquérito, mais de metade dos visitantes (9031) vieram em grupos escolares e desses, a maioria dos alunos pertencem ao sétimo e décimo ano.

Visitas guiadas

As visitas em grupos escolares, geralmente designadas por visitas guiadas, compreenderam 30,4 % das entradas de 2009. Contudo as visitas guiadas são, também elas, compostas por diversos públicos.

- 1) Visitas institucionais de grupos, como por exemplo grupos marcados pela autarquia;
- 2) visitas de grupos de adultos, como universidades de terceira idade;
- 3) ex-combatentes, grupos profissionais, excursões promocionais, etc.;
- 4) visitas de grupos pré escolares ou escolares mas fora do contexto de estudo, e
- 5) as visitas escolares em contexto de uma, ou mais, determinada disciplina.

É, precisamente, para este último tipo de público que o museu oferece uma mais-valia sendo considerado como um recurso institucional no Programa de Biologia e Geologia do 10º e 11º ano de escolaridade. Os sétimos e décimos anos são quem mais procura o serviço das visitas guiadas, devido ao programa escolar que faz da extinção dos dinossauros a situação-problema¹³, e também do “pacote” que o museu oferece da “visita ao campo”.

Uma visita guiada ao campo consiste na deslocação, durante um período do dia, a duas praias, Caniçal e Consolação, onde fenómenos geológicos como a estratificação, falhas, diques magmáticos e fossilização são evidentes e tornam obvio o que é leccionado nas salas de aula. No outro período do dia faz-se a visita às instalações do museu onde se relaciona a geologia e os fenómenos geológicos de fossilização, com a paleontologia e os dinossauros.

O número de visitantes que vêm para este tipo de visitas tem vindo a aumentar, em 2009 com 4682 alunos e professores. Em alguns meses estas visitas compreendem mais de metade das visitas do museu e entre Outubro e Março representam mais de 70% das visitas em grupo. Apesar serem alunos do 7º e 10º não deixam de ser um tipo de

¹² Mateus, Simão, 2009. *Inquérito ao Público 2008/2009, Museu da Lourinhã.*

¹³ Ponto 3 do Programa de Biologia Geologia do 10º e 11º

público, relativamente bem informado, que carece de uma informação mais especializada. Essa informação é veiculada de forma oral, durante a visita guiada.

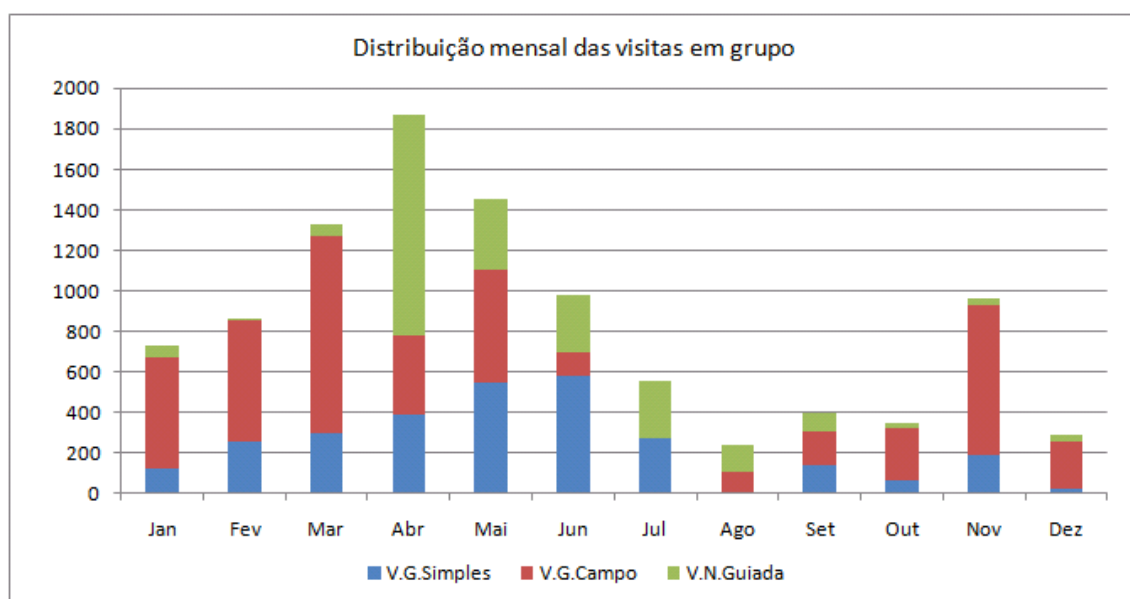


Gráfico 5: Distribuição mensal absoluta das visitas em grupo. Visitas guiadas simples: visitas guiadas só no museu; V.G.Campo: Visitas guiadas que incluem saída ao campo; V.N.Guiada: Visita em grupo mas não guiada.

O comportamento do público das visitas guiadas, e a sua interacção com o espaço físico do museu, é distinto do público individual. A mesma pessoa comporta-se de diferente forma se estiver com a família, em que pode escolher o tempo dispendido em cada sala, ou por cada objecto, ou se estiver em grupo, onde é o guia que escolhe a cadência da visita.

O próprio ambiente se ressentem com as visitas guiadas com a alteração rápida da temperatura e humidade relativa a causarem um maior impacto nos objectos.

Fundadores

No presente caso é um casal fundador que desempenha o papel de colecionador. Horácio e Isabel Mateus, ele natural da Lourinhã, ela de Soure, distrito de Coimbra são ambos funcionários públicos com interesse pelo Património e História.

Com o GEL – Grupo de Espeleologia da Lourinhã, em 1979, começam a surgir os primeiros achados que os conduzem à Arqueologia, enquanto que, na Etnografia, é uma exposição de artesanato local no Salão dos Bombeiros Voluntários em 1978, já nessa

altura organizada por Horácio Mateus, que vai fazer germinar a ideia de um museu pluridisciplinar. A empatia com a sociedade local, e o conhecimento profundo da região por parte de Horácio e Isabel Mateus leva a que seja fácil a recolha de um acervo museológico inicial. Esses objectos não se limitavam só à etnografia ou arqueologia mas também a outros ramos das ciências naturais, nomeadamente a geologia e a paleontologia. O facto de, até à data, não haver uma equipa que pesquisasse e colectasse localmente os diversos acervos veio permitir-lhes serem os primeiros grandes coleccionadores etnográficos, arqueológicos e paleontológicos da Lourinhã.

A recolha do acervo, participação em escavações e grande vontade de aprender levou a que o casal frequentasse uma pós-graduação em Arqueologia na Universidade Autónoma de Lisboa em 1989/1992.

A constituição deste acervo torna-se de tal forma relevante que, em 1997, o casal é considerado figura do ano pela revista *Expresso* pelas suas descobertas, culminando num ninho de dinossauros do Jurássico Superior¹⁴. Esta descoberta foi considerada uma das 100 descobertas mais importantes do mundo, do ano 1997, pela revista *Discover*¹⁵. Esse ninho veio a revelar-se um ponto de viragem crucial na vida do Museu da Lourinhã.

Enfatizando o papel de coleccionador, um dos filhos do casal, Octávio Mateus, veio a doutorar-se em Paleontologia, em 2007, sendo ele o responsável por quase toda a investigação científica na área da paleontologia no Museu da Lourinhã. Este filho junta-se assim ao duo na recolha do acervo do Museu.

O acervo

Antes da formação do Museu convém ressaltar que a Lourinhã não era completamente estéril de pesquisas e achados arqueológicos e paleontológicos.

Em 1968, Leonel Trindade escavou a Tholos de Paimogo, um monumento funerário do calcolítico, junto à praia de Paimogo, na Lourinhã, onde descobre um acervo vasto que continha o único peitoral calcário do Eneolítico peninsular. A notícia no jornal local da descoberta termina com “*o espólio encontrado está no Museu Municipal de Torres*

¹⁴ *Expresso* (Revista), 27 de Dezembro de 1997

¹⁵ *Discover*, Janeiro 1998

Vedras, ficando [a] Lourinhã sem um único testemunho do valioso achado por não ter uma casa onde se guardem e expõem este género de objectos¹⁶.”

Da mesma forma é em 1863 que Carlos Ribeiro, geólogo da 2ª Comissão Geológica da Academia de Ciências, descobre dois dentes de dinossauro carnívoro nas arribas de Porto de Barcas (Lourinhã). Este achado é, curiosamente o primeiro achado paleontológico de Portugal, quase que premeditando a importância que a Lourinhã viria a ter neste campo.

Tanto Leonel Trindade como Carlos Ribeiro, não deixaram espólio à Lourinhã, estando o primeiro no museu municipal de Torres Vedras, denominado precisamente Museu Leonel Trindade, e o segundo na Academia das Ciências de Lisboa.

O acervo do museu é composto por três grandes categorias de objectos: Arqueologia, Etnografia e Paleontologia. A maioria das peças do acervo arqueológico provém da escavação da gruta de Feteira, em 1982, da qual resultou material lítico, cerâmico e osteológico. As restantes peças do acervo, maioritariamente líticas, vieram ser encontradas em prospecções pontuais pelo casal Mateus. Pontualmente há algum material arqueológico doado por locais, como, por exemplo, algum material lítico polido (popularmente chamado “pedras de raio”). Após as descobertas de achados paleontológicos relevantes a disponibilidade destes para a prospecção arqueológica ficou muito diminuída. Curiosamente o ninho de ovos de dinossauros foi descoberto durante uma tarde de prospecção arqueológica.

No caso da Etnografia, a maioria das peças são do concelho da Lourinhã, recolhidas por Horácio e Isabel Mateus, embora, pontualmente, se fizessem recolhas noutras áreas do país, mais por causa do conhecimento que o casal tinha da existência de certas peças que consideravam relevantes. Em termos arqueológicos e paleontológicos outras considerações foram tomadas na recolha pontual de objectos com outra origem geográfica. Porém, na colecção de etnografia não agrícola há muitos objectos que foram doados pelos proprietários ou seus herdeiros, e que ainda hoje são visitadas por eles. Actualmente, a maioria da incorporação é feita por doação espontânea.

No final do ano de 2009 estavam catalogadas e inventariadas 3857 peças sendo 764 de Arqueologia, 1509 de Etnografia e 1584 de Paleontologia. Além das peças que estão em base de dados existem algumas que estão por dar entrada resultantes de doações de

¹⁶ *Alvorada*, 28 de Novembro de 1971

Etnografia e , principalmente, de descobertas e prospecções recentes de Paleontologia. No entanto estas não serão em número significativo. No acervo paleontológico existem entradas de grupos de objectos, como escamas de peixe de um dado estrato Jurássico, que se contam às dezenas e são muito indiferenciados. O mesmo se passa com algum acervo arqueológico com pedaços de cerâmica dispersa, lascas de sílex, etc. O programa de base de dados utilizado para a Arqueologia e Etnografia é o Microsoft Office Access, na Paleontologia é uma folha de Excel.

Em exposição encontram-se 1913 peças, sendo 253 de Arqueologia, 1127 de Etnologia e 533 de Paleontologia.

Além das peças “clássicas” de exposição o museu conta ainda com um acervo que é constituído por um banco de imagens provenientes do Concurso Internacional de Ilustração de Dinossauros – CIID.

Concurso Internacional de Ilustração de Dinossauros – CIID.

O concurso é uma actividade que o museu promove desde 2000 e que conta com seis edições tendo já recebido 364 imagens, muitas de qualidade profissional¹⁷. É um projecto de abrangência mundial, já reconhecido internacionalmente, e que só tem paralelo com outro americano mais limitado. No total das seis edições já se apresentaram 172 artistas provenientes de 34 países.

São objectivos do concurso:

- 1) Criação de um banco de imagens que o museu possa ter, de elevada qualidade, capacidade apelativa, e que possa utilizar para seu proveito sem detrimento dos direitos de autor;
- 2) Promoção e divulgação do museu junto a um público alvo de cientistas ligados à Paleontologia e de Paleoartistas que fazem reconstituições de meios ambientes, répteis mesozóicos, organismos fósseis, e outros.
- 3) Promover a ilustração científica de qualidade, sobretudo de dinossauros portugueses.

Ou seja, o principal objectivo do CIID é dotar o Museu da Lourinhã de um banco de imagens, de que possua direitos de cópia, a fim de poder melhorar as suas exposições e poder angariar alguns fundos com venda de materiais produzidos pelo próprio museu.

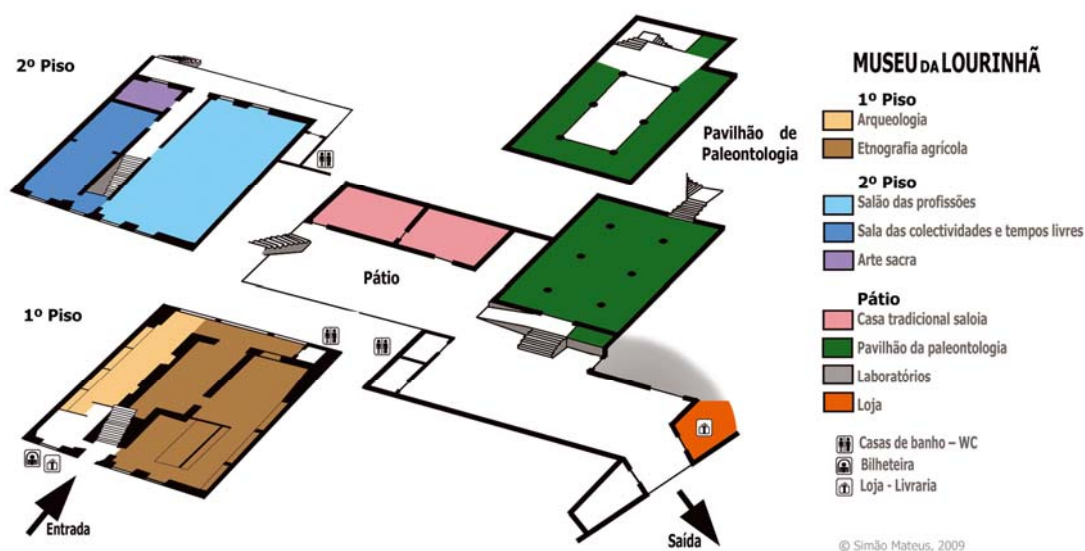
¹⁷ As imagens do concurso encontram-se disponíveis em www.simaomateus.com

A qualidade técnica das imagens e o rigor científico são o mote de selecção das obras aquando da sua votação. A maioria dos paleoartistas prima por uma elevada qualidade técnica, sendo muitos deles profissionais na área, quase todos estudaram técnicas de desenho científico e pintura, e têm conhecimentos a nível da biologia.

Apesar do museu possuir algumas destas imagens em exposição no pavilhão de paleontologia, o museu não pretende possuir uma colecção de arte “paleontológica”, embora possua trabalhos em quantidade e qualidade suficiente para o fazer, como se um museu de arte se tratasse. As imagens servem mais para ilustrar o que se expõem, por isso, a grande maioria delas não existe sobre um suporte físico, papel ou tela, mas apenas como arquivo electrónico sobre as quais se possui direitos de cópia.

A exposição

O discurso expositivo actual foi sendo definido pelo casal fundador, principalmente pela figura do Horácio Mateus que ocupou o cargo de conservador até 2007. As exposições estão dispostas pelo museu conforme a planta abaixo assinalada:



Na sala de arqueologia o discurso é sustentado, e quase imposto, pelos painéis do Museu Nacional de Arqueologia cedidos em 1995¹⁸ (fotografias 1 a 3). Estes propõem uma divisão da colecção de arqueologia em Paleolítico, Mesolítico, Neolítico,

¹⁸ Para mais informações recomenda-se a consulta do Relatório de Actividades de 1995.

Calcolítico e Megalitismo. A maioria dos painéis é generalista, alguns sendo específicos da zona do vale do Tejo, sem referências à zona da Lourinhã (fotografia 5). Em frente de cada painel expõe-se as peças do respectivo período. A escolha de cada peça baseia-se em critérios de pertinência, representatividade histórica e beleza feita pelo casal fundador. São essencialmente materiais líticos acompanhados por pequenas legendas unicamente com a designação da peça (fotografia 4 e 6). No Mesolítico existe naturalmente material conquífero (conchas) e no Neolítico aparecem restos ósseos humanos e cerâmica (fotografia 2).

Na sala seguinte inicia-se a etnografia começando com uma sala dedicada à vitivinicultura (fotografias 7 e 8). Esta exposição recebeu melhorias no final de 2006/início de 2007 e é a única (excluindo a paleontologia) com textos em Português e Inglês (fotografia 9). O discurso expositivo é da autoria de Simão Mateus mas sobre as peças que já anteriormente constavam da exposição e foram escolhidas pelo conservador. Aqui a visita segue a lógica do processo de produção do vinho, desde a planta até à adega.

A exposição seguinte é a da “eira”. Nela estão expostos objectos dedicados à produção de cereais e outros vegetais. Existem pequenos apontamentos sobre a produção de pã de rocha, com uma importante expressão na agricultura da zona Oeste, e outras actividades produtivas tais como a produção de queijos e a pesca de subsistência. A acompanhar algumas das colecções foram reproduzidas as iluminuras do Livro de Horas de D. Manuel I, nomeadamente algumas do calendário (*folium* 5 a 22 verso). Estas relacionam as peças com as actividades e os meses do ano. Apesar de haver uma “concentração” de objectos de agricultura nesta sala encontram-se mais objectos sobre este tema noutras zonas do museu, nomeadamente no pátio, devido a algumas dimensões destes.

Subindo as escadas há imagens que nos remetem para outro registo: fotografias do corpo incorrupto de D. Lourenço Vicente, Arcebispo de Braga durante o reinado de D. João I e natural da Lourinhã. Horácio e Isabel Mateus pesquisaram durante a pós-graduação a múmia natural desta personagem medieval que é das mais relevantes para a história da vila, pois a ele se atribui a construção da Igreja do Castelo.

O salão das profissões (das fotografias 17 a 30) era o antigo salão de audiências do tribunal da Lourinhã, mas não há nenhuma referência às suas anteriores funções. Dois quadros dos finais do século XIX, assinados por Valle, ornamentam a parede. Aqui

“subimos” para profissões urbanas com cerca de vinte actividades sem ordem aparente, seguindo mais uma lógica de volumetria das peças.

Na sala de colectividades e tempos livres encontram-se exposições sobre a banda filarmónica, os bombeiros, o café Nicola da Lourinhã e objectos de diversão e tempos livres, como jogos tradicionais, brinquedos, jogos de sorte. Algumas exposições, como o tear e a escola também se encontram aqui.

Uma (muito) pequena sala de arte sacra tem alguns objectos religiosos donde se destacam seis quadros oitocentistas, um oratório e uma maquete de uma igreja com uma inscrição que a relaciona com Louriçal do Campo, aldeia do distrito de Castelo Branco, mas cuja aldeia não possui nada relacionado com a maquete. Esta foi adquirida por D. Fortunata Rei, em leilão, e oferecida, posteriormente, ao museu. Os sobrinhos a tentaram reaver-la alegando em tribunal que a tia tinha incapacidade mental. O juiz considerou que a senhora se encontrava no poder de todas as suas faculdades mentais e ela manteve a doação¹⁹.

A continuidade da exposição faz-se para um pátio onde se encontra a reconstituição de uma casa rural, com um quarto, uma cozinha e um telheiro de ferrador.

O pavilhão de paleontologia foi inaugurado em 2004 e o discurso expositivo, foi delineado por Simão Mateus. A tónica foi dada às espécies únicas da Lourinhã a fim de demonstrar a riqueza faunística do Jurássico e a importância da Lourinhã na sua descoberta. As premissas foram: i) a utilização de mobiliário que havia sido construído de propósito para os fósseis na exposição sobre os Dinossauros de Gobi que teve lugar no palácio de Cristal do Porto, em 2003; ii) a exposição dos holótipos²⁰; iii) a especialização da temática no Jurássico Superior para a futura criação de uma exposição de referência. Os herbívoros, maiores e com peças mais pesadas, ficaram no piso térreo e os carnívoros e outros fósseis no piso superior.

O edifício e contingências

O edifício do museu é o antigo tribunal da Lourinhã. As finanças funcionavam no rés-do-chão, à direita, o notário à esquerda e o tribunal propriamente dito no primeiro piso. Nas traseiras, o pátio teve diversas funções, desde casas de habitação “social”, a oficinas

¹⁹ Em entrevista escrita a Isabel Mateus a 27 de Novembro de 2009.

²⁰ Holótipo é o espécimen sobre o qual apresenta e se estudaram as características que definem a espécie. No caso dos dinossauros é, geralmente, o primeiro a ser descoberto.

da Junta de Freguesia e da Câmara. Onde é actualmente a zona administrativa já funcionou o Sporting Clube da Lourinhã e os Corpo Nacional de Escuteiros.

O edifício do final do séc. XIX foi adquirido pela autarquia para funcionamento do Tribunal, Finanças e Notário²¹. Os registos da transição, a antiga pertença do edifício foram queimados em 1868 na sequência da revolta popular provocada pela perda de sede de comarca, mas quando a re-elevação a comarca do julgado de paz da Lourinhã, a 20 de Setembro de 1890, surgem indícios da aquisição do edifício do tribunal pelo município²² que tem mantido a sua posse desde então.

O Pavilhão da Paleontologia, a zona administrativa, de laboratórios e a loja estão localizados num edifício recente de 2003.

Assim, o Museu da Lourinhã é constituído por uma parte antiga, que foi sofrendo recuperações à medida das necessidades, e por uma parte recente. A tabela 3 resume os sectores do museu e a sua origem arquitectónica.

Tabela 3 – Sectores e origem no Museu da Lourinhã

Piso	Sector / Exposição	Origem
Piso 0	Arqueologia	Tribunal, Notário e Registo Civil (1890 ?)
	Etnografia agrícola	
Piso 1	Salão das profissões (Etnografia geral)	
	Sala das Colectividades e tempos Livres	
	Arte Sacra	
Pátio	Cozinha (Casa Saloia)	Casa de apoio da Junta de Freguesia (séc. XIX ?)
	Quarto (Casa Saloia)	
	Pavilhão da Paleontologia	“de raiz” (2003)
	Laboratórios	
	Loja	

Apesar de ser a paleontologia a atracção do museu, a sua maior área de exposição é de etnografia. Na tabela 4 vemos precisamente a relação entre a área de cada sector e o seu peso relativo na exposição. Este somatório não perfaz 100% porque não estão contabilizadas áreas de circulação, escadas e corredores, e zonas de bilheteira.

²¹ Para mais informações recomenda-se a leitura de Rui Cipriano, “Vamos Falar da Lourinhã”.

²² *Livro 7º de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Lourinhã(1887-1891)* (7º Livro do fundo Original; 2º Livro do Fundo actualmente existente)

Tabela 4 – Áreas e pesos relativos

Piso	Sector / Exposição	Área (m ²)	Peso relat. %
Piso 0	Arqueologia	27,21	5,40
	Etnografia agrícola	97,60	19,47
Piso 1	Salão das profissões (Etnografia geral)	100,10	20,00
	Sala das Colectividades e tempos Livres	38,70	7,72
	Arte Sacra	10,35	2,10
Pátio	Cozinha (Casa Saloia)	24,10	4,80
	Quarto (Casa Saloia)	19,00	3,80
	Pavilhão da Paleontologia	165,00	33,60

O edifício apresenta características da sua idade e do seu uso, e estas variam também de acordo com o material que compõem o seu tecto, pavimento, paredes e principais expositores, quando estes cobrem parte significativa das suas superfícies.

As áreas de sala também não revelam, só por si, a capacidade de albergar peças e circulação de visitantes, é necessário ter em conta a área útil de passadiço/passeio de cada exposição.

Tabela 5 – Áreas e capacidade máximas.

Piso	Sector / Exposição	Área (m ²)	Área útil (m ²)	Nº máx. de pessoas
Piso 0	Arqueologia	27,21	21,59	42
	Etnografia agrícola	97,60	13,6 + 13,9	26
Piso 1	Salão das profissões (Etnografia geral)	100,10	34,86	68
	Sala das Colectividades e tempos Livres	38,70	20,80	41
	Arte Sacra	10,35	3,06	6
Pátio	Cozinha (Casa Saloia)	24,10	7,80	15
	Quarto (Casa Saloia)	19,00	5,60	11
	Pavilhão da Paleontologia	165,00		

A área útil corresponde à área de circulação dos visitantes, isto é, à área não ocupada por vitrinas e objectos, que pode ser realmente ocupada por pessoas em visita. O número máximo de pessoas é calculado pela divisão do espaço pela área ocupada por pessoa, a que foi atribuída²³, ou seja 0,5 m². Meio metro quadrado por pessoa, com alguma bagagem pequena, é uma densidade muito elevada que corresponderá a uma sala congestionada com elevada dificuldade de se atravessar, e é aplicável a grupos

²³ O cálculo da área fez-se por extrapolação dos valores preconizados por Ernest e Peter Neufert, 2002.

escolares. Para visitas individuais a área de zona pessoal é mais elevada, ou seja, a densidade populacional para o mesmo espaço é menor.

Na tabela 5 é perceptível a sobrecarga populacional a que algumas das salas estarão sujeitas em visitas de grupos. Em grupos escolares é possível manter por algum tempo uma densidade populacional elevada, com consequências nefastas na concentração intelectual, mas para o público adulto a mesma densidade populacional manifesta-se num desconforto e vontade de sair do espaço.

É então perceptível que parte de uma possível alteração do discurso expositivo terá de ser acompanhada por alterações físicas de espaço de forma a obter a maximização de resultados a que se propõe este trabalho.

Apresentamos seguidamente o levantamento dos principais pontos problemáticos com que o visitante se depara. A ordem de apresentação destes pontos segue a sequência da visita.

Entrada: Possui menos de quatro metros de área útil o que a torna claramente insuficiente. Se chover e estiverem mais de quatro famílias para entrar, a quarta família tem de esperar na rua. A entrada não possui bengaleiro e tem um degrau não assinalado e com uma altura considerável.

Arqueologia: É a segunda sala, depois da paleontologia, onde os alunos passam mais tempo durante as visitas guiadas, e é uma das mais pequenas, com uma área útil de 21,59 m². Não tem climatização nem zona de descanso.

Janela de serviço: Após a arqueologia há uma zona envidraçada onde os funcionários usam uma janela de serviço. Se essa janela se encontrar aberta é frequente os visitantes atravessarem-na também. Existe também uma casa de banho, que é de uso exclusivo dos funcionários.

Acesso ao primeiro piso: No final do piso térreo o visitante depara-se com uma porta fechada onde se encontra o sinal de continuação para o piso superior. Passa pela iniciativa do visitante abrir essa porta para prosseguir a visita. Essa porta dá, na verdade, para o hall de entrada do museu onde existe um corta-vento que se tem de abrir para entrar no museu. Quando se abre esse corta-vento impede-se a saída do visitante que já terminou de ver o piso térreo e quer chegar às escadas.

Escadas: Não existem ascensores de qualquer tipo, o único acesso possível são as escadas, sem equipamento complementar para pessoas de mobilidade reduzida.

Arte sacra: É a sala de exposição mais pequena do museu com apenas 3 m² de área útil. Ou seja, não cabem mais de 10 pessoas lá dentro e com este número não se consegue sair da sala.

Pátio: O acesso ao pátio é feito por umas escadas exteriores, sem ascensores. O acesso ao quarto faz-se por uma porta que abre para o lado da continuação do percurso tornando-se, ela própria, um obstáculo.

No pátio existem objectos de etnografia agrícola sob um telheiro.

São estes os sete pontos que deveriam sofrer alterações prioritárias.

Como se referiu anteriormente, o edifício, de finais do século XIX, tem recebido obras de recuperação pontuais mas nunca sofreu uma intervenção de fundo que o adaptasse à plenitude da sua função museológica, obras que iriam desde melhoria no acondicionamento climático, saídas de emergência, facilidades de acesso a deficientes motores ou ascensores.

Com base no que anteriormente se expôs carece o Museu de uma solução arquitectónica que deve contemplar os seguintes aspectos:

- 1) As salas com maior ocupação de tempo por parte das visitas guiadas devem oferecer um espaço para, pelo menos, 30 visitantes simultâneos, nomeadamente a sala da exposição de Arqueologia e Paleontologia.
- 2) A entrada/bilheteira deve permitir uma área espera de atendimento no seu interior.
- 3) Todos os declives devem ser evitados ou compensados com rampas de acesso a cadeiras de rodas.
- 4) Portas de passagem de visitantes devem ter transparência e não necessitem que se recorra a trincos.
- 5) Prever a futura instalação de ascensores.
- 6) Rentabilizar o espaço em função da mão-de-obra de vigilantes recepcionistas.
- 7) Permitir o melhor condicionamento ambiental de acordo com as especificações do acervo de cada sala.
- 8) Respeitar a identidade do edifício.

Não se pretende que seja o autor a definir a melhor solução para cada um destes pontos que se levantou, nem se reconhece neste trabalho competência para isso, mas na sequência da discussão parte-se do pressuposto que algumas alterações ocorrerão a fim de não limitar a possibilidade de aplicação para cada proposta.

CAPÍTULO II – Enquadramento teórico

Durante a elaboração deste trabalho existiram sempre questões que se iam “descobrir” à medida que se avançava. Qual a importância de uma peça, ou de uma colecção, como escolher, como justificar, porque fazer. Mas estas dúvidas constituíram mais desafios do que angústias existenciais, sabendo que a resolução de, pelo menos, algumas delas, levariam a um trabalho mais consolidado e a respostas mais alicerçadas.

Se no caso da paleontologia a questão era pacífica, pois a importância do espólio e a unicidade deste justificavam facilmente muitos aspectos, entre os quais a própria existência de um museu fortemente paleontológico, noutros casos as coisas mudavam de figura. Tomemos o exemplo da etnografia agrícola: A ruralidade da Lourinhã obriga a que exista uma exposição de etnografia agrícola? No que é que este acervo se distingue do acervo dos outros museus? Qual a importância desta colecção para o Museu da Lourinhã? Os objectos são únicos da Lourinhã ou encontramos-los noutros locais? A Lourinhã é ainda um concelho rural?

Por outro lado existiram também presunções de certezas, do que queria propor, do que se queria expor, do que seria necessário retirar de exposição. Mas da mesma forma como algumas questões constituíram desafios, algumas certezas vieram a tornar-se formulações a justificar e outras ainda descobrimos que, afinal, não eram certezas.

Este capítulo serve de reflexão sobre algumas destas questões a fim de se encontrarem fundamentações teóricas que permitam tomadas de decisão mais consistentes.

O discurso expositivo pode resultar de dois processos distintos: subordinado a um acervo, que vai crescendo ao longo dos tempos e cujo discurso se vai adaptando conforme as necessidades (hipótese 1), processo do qual resulta o actual discurso expositivo do Museu da Lourinhã; e, continuando a basear-se, obviamente, no acervo que existe, elaborar primeiro o discurso expositivo e adaptar a escolha das peças à informação que se pretende transmitir (hipótese 2)

- 1) Acervo existente → Elaboração do discurso expositivo
- 2) Discurso expositivo pretendido → Escolha de peças

Este trabalho baseia-se na reformulação de um discurso expositivo pré-existente assente sobre uma prévia selecção de peças, o que leva a que a escolha futura esteja, de alguma

forma, já validada pelos anteriores fundadores. Susan Pearce (1992:35) em *Museums, Objects and Collections* refere precisamente que “nenhum objecto, ou *specimen*, está [exposto] num museu sem passar por uma série de barreiras de selecção e recolha, e, se nalguns casos, esta pode ser bastante casual, noutros pode ser alvo de cuidados específicos. A recolha [e selecção] opera numa zona obscura entre as ideias culturais de valor e a personalidade do coleccionador”.

Arqueologia

Na arqueologia Luís Raposo (1993) ilustra bem dois tipos de exposições que se podem obter com diferentes modos de apresentação de um mesmo objecto: estamos mais próximos de um certo tipo museus de arte quando fazemos exposições de materiais arqueológicos de tal modo que os objectos vivam por si próprios, isolados de toda a evidência histórica. No extremo oposto é igualmente possível pôr o mais humilde objecto arqueológico, ao serviço de reconstituições muito realistas, mais próximo de um certo tipo de museu etnográfico, onde se reconstituem da mesma forma as casas, as oficinas, os ambientes, os homens, apenas trocando o presente pelo passado. Temos então, num extremo, a evidência a um único objecto tratando-o mais como uma peça de arte do que um documento histórico e, por outro lado, a contextualização tão abrangente de materiais arqueológicos que praticamente perdem o seu significado histórico *per se* tornando-se num mero objecto etnográfico muito antigo. Nenhuma das hipóteses é viável para o Museu da Lourinhã. A primeira porque não existem objectos de singular beleza e especificidade únicas que mereçam o tratamento de quase exclusividade que, por exemplo, uma Vénus de Willendorf, aufere. A segunda hipótese, embora mais apetecível, pois pode aproximar-se mais da função museológica de um objecto arqueológico que será de mostrar a evolução dos objectos e da história, é dificilmente exequível devido ao orçamento e espaço físico que seriam necessários.

Luis Raposo (1993: 204) refere que «por mais importantes que possam ser, os objectos arqueológicos apenas cumprem a sua função se nos ajudarem a chegar a quem os produziu ou utilizou. Um museu de arqueologia não pode, por isso, ser concebido como um mero *gabinete de curiosidades*.»

O mesmo autor refere ainda em 2004 que “ao museu há-de competir realizar exposições que tenham por base a investigação de colecções (próprias e alheias) postas ao serviço de novas intelectualizações do mundo, nisto se distinguirá da galeria de arte.” e ao

“museólogo, na sua função expositiva, não pode limitar-se a ser um galerista, nem muito menos um cenógrafo ou vitrinista”. (Luís Raposo, 2004: 11)

Etnografia

Alguns dos objectos ganharam a aura de únicos devido a serem manufacturados pelo próprio artífice que com eles trabalhou, nalguns casos até existem incisões ou iniciais gravadas, que os tornam particulares, foram fabricados e utilizados por pessoas da região e posteriormente doados ao museu. Mas muitos outros são em tudo semelhantes aos seus congéneres. Elaine Gurian (2001), em *What is the object of this exercise?*²⁴, referindo os objectos utilitários do século XX, iguais a milhares de outros, ao serem manufacturados em grandes quantidades podem ser designados apenas como “exemplos”. A selecção da recolha de um dado *specimen* depende mais, a maioria das vezes, não do objecto em si, mas da história a que lhe está associada que o pode tornar único ou importante.

Cada peça pode ser “única” pela força do seu antigo proprietário, que lhe transmitiu características próprias mas isso não chega para a tornar *primus inter pares*.

Segundo Barbara Kirshenblatt-Gimblet (1991) o que justifica o objecto de etnografia é precisamente aquele que foi escolhido pelo etnógrafo resultante da arte da excisão.

Se retomarmos as perguntas que anteriormente se fizeram: A ruralidade da Lourinhã obriga a que exista um núcleo de etnografia agrícola? Em que é que este acervo se distingue dos outros museus? Qual a importância desta colecção para o Museu da Lourinhã? Os objectos são únicos da Lourinhã ou encontramos-los noutros locais?

Um museu não tem de ser constituído por peças únicas e singulares, que não existam em mais lado nenhum. A existência de peças semelhantes noutros locais permite identificarmo-nos a uma comunidade, à mesma sociedade. Susan Pearce (1992), em *Museums, Objects and Collections*, apresenta-nos a dualidade que cada objecto contém: o homem e o objecto, o produtor e o produto, o simbólico e o significado. Os objectos são transversais às sociedades, e assim como a ideia de sociedade não poder existir sem a sua expressão física, os objectos físicos não tem significado fora do seu contexto social.

²⁴ Esta referência foi primeiro publicada em *Daedalus, America's Museums' issue, Vol 128, n° 3. Summer 1999, pp. 163-183*. Segundo nota final do próprio artigo na edição citada na bibliografia de 2001.

A maioria dos objectos, ao serem doados por pessoas da Lourinhã, faz com que os Lourinhanenses sintam mais o museu com “seu”, a aí, em relação à exposição de etnografia ela tem uma maior identidade regional. Esta característica, a origem geográfica, pode não ser importante para a maioria dos visitantes mas é relevante para a comunidade local e para o seu relacionamento com o museu.

Por outro lado o público pode ir ao museu não por causa das peças, mas para fugir da chuva²⁵, aumentar o status cultural, entre outras razões.

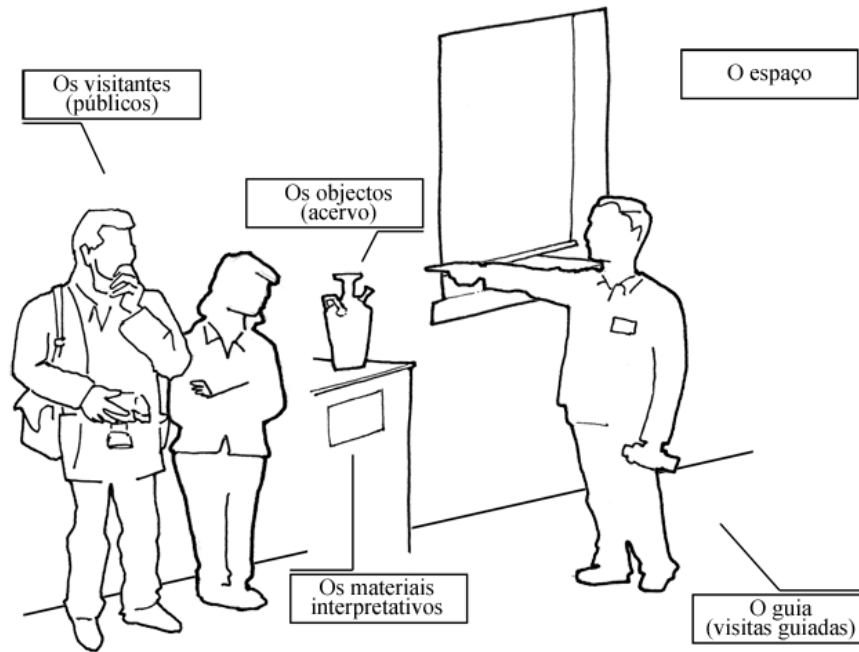
Discurso expositivo

Com uma proposta de alteração do discurso expositivo, a escolha das peças, que apesar de poder ser justificada pela anterior selecção de outros, deve manter-se subordinada ao novo discurso expositivo e ao que se pretende transmitir.

Ludmilla Jordanova (1989) alerta-nos que não se deve dar por garantida a relação de causalidade referente à observação de um objecto e a aquisição do conhecimento, embora se reconheça que essa é a principal forma de o fazer. Existem muitas formas de transmissão de conhecimento e Elaine Gurian (2001:36) refere-nos mesmo que “*os museus não são únicos no seu trabalho. Pelo contrário, partilham objectivos comuns com outras instituições. Precisamos dos museus, e dos seus congéneres, porque precisamos que a história colectiva esteja presente de forma a mantermos a nossa civilização. A sociedade criou estas instituições porque elas validam a coesão social. Elas são a evidência colectiva de que existimos.*” Ou seja, um museu pode não ser o local de excelência de aprendizagem, se alguma vez teve esse estatuto pode tê-lo perdido para congéneres. É necessário cada vez mais cuidado na exposição do conhecimento, de uma forma a que seja atractivo para o público.

Já anteriormente mencionamos os cinco elementos básicos que de Kotler & Kotler (1998), chamam a atenção que qualquer museu precisa de ter em conta no processo de concepção de uma exposição: 1) espaço físico (arquitectura); 2) os objectos (acervo); 3) as legendas e cartazes (material interpretativo); 4) as visitas guiadas (como serviço do museu), e 5) os próprios visitantes (público).

²⁵ As estatísticas de visitantes mostram, durante os meses de férias estivais, uma correlação positiva entre as visitas ao museu e o tempo instável para se fazer praia.



No espaço físico, e no caso da arquitectura interior já nos apercebemos das contingências do edifício, os seus problemas e o que tem de contemplar as soluções que se preconizarem. Igualmente já são conhecidos os tipos de públicos que visitam o museu e as principais visitas guiadas oferecidas por este.

Um estudo mais pormenorizado sobre o acervo irá sendo abordado no próximo capítulo onde se vão concretizando algumas propostas sobre o discurso expositivo.

Tomando em conta os cinco elementos básicos anteriores, Kotler & Kotler (1998) continuam referindo que, independentemente do tipo de exposições que um museu oferece, existem sempre formas de melhorar o modo como uma exposição está organizada, exposta e interpretada, e dos seus estudos de público emanam as seguintes perspectivas:

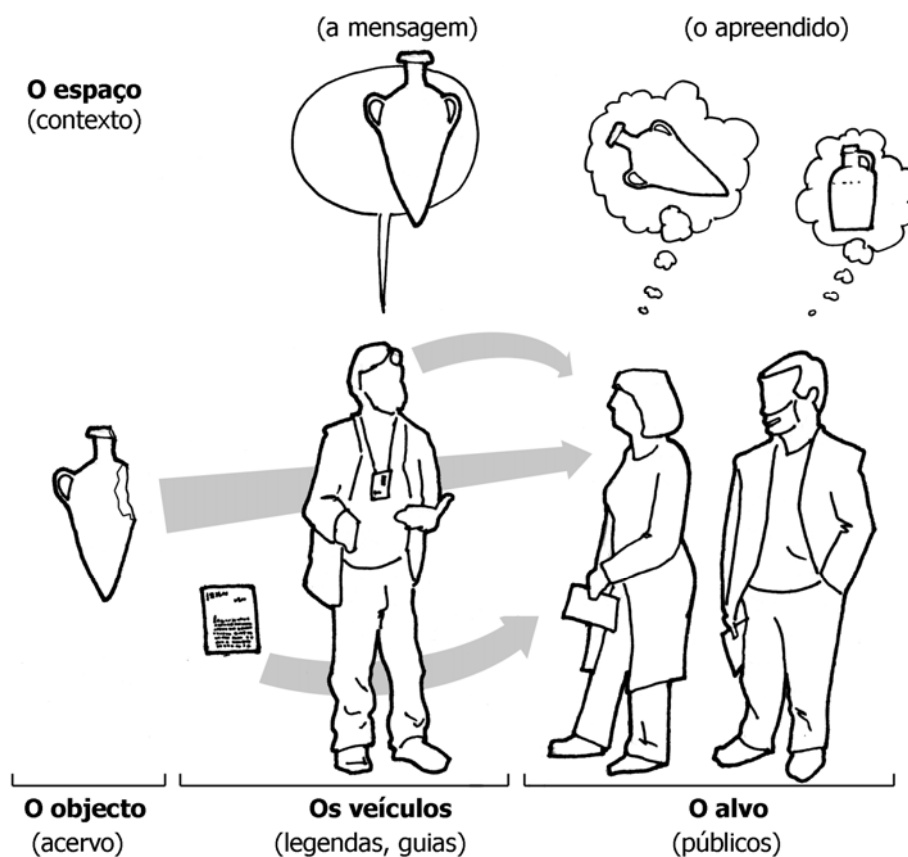
- 1) *Remember the audience.* Qual é o público alvo? Pense-se a quem se quer chegar, qual é o público principal e o secundário.
- 2) *Exhibitions don't tell, they show.* A maioria do público não lê longos textos e legendas, prefere perceber por esquemas de fácil compreensão. Dar preferência a ver em vez de ler!
- 3) *Exhibitions are provocative, not comprehensive.* Não se pode ser exaustivo. As exposições devem ser um ponto de partida e um meio de descoberta, e não a resposta em si!

- 4) *A good question is better than a declaration.* Uma boa questão é melhor que uma declaração, pode levar a que o visitante parta à procura da resposta e veja com mais atenção a exposição.
- 5) *Interaction, unexpected connections, surprises, and even humor are all pluses.* A interacção, sinapses inesperadas, humor, podem ser vantagens. Se se puder correlacionar manuseamento e compreensão, a aquisição de conhecimentos pode ser mais efectiva.
- 6) *Match media with message.* Tem de existir coerência entre a mensagem e os componentes audiovisuais.

Estas seis frases chave, que tomam precisamente em consideração os elementos básicos existentes numa exposição, vão sendo as bases das propostas que se vão fazer na sequência deste trabalho. Algumas estão referidos de uma forma explícita, outros, apesar de não serem mencionados, estão interiorizados na próprias propostas.

De uma forma resumida podemos afirmar que existe o espaço (o museu), o objecto (o acervo), o veículo (materiais interpretativos, guias, catálogos, etc) e o alvo (o nosso público), em quase todos temos poder de decisão, de actuação, excepto no apreendido, e o nosso discurso expositivo é tão mais bem conseguido quanto mais próximo o apreendido for do transmitido.

Segundo Francisca Hernández Hernández (2001:202) “a eficácia de uma exposição está determinada pela própria técnica ou montagem da mesma, que se considera como aspecto objectivo e depende do museu e das possibilidades de observação do visitante ou aspecto subjectivo.”



De todos os elementos básicos, aquele sob o qual é mais fácil de trabalhar é sobre os materiais interpretativos. São, comparativamente, os menos onerosos, com ciclos de vida mais rápidos, isto é, com uma substituição mais cíclica, e de mais fácil transformação.

Materiais interpretativos

Dentro dos materiais interpretativos podemos ir desde os mais clássicos, como a legenda, à aliança entre o mundo das telecomunicações e o objecto exposto. Pelo meio temos as novas tecnologias que tem trazido para o mundo dos materiais interpretativos, ao serviço dos museus, uma panóplia de diferentes soluções, cada vez mais atractivas, arrojadas e originais. Mas estas têm, algumas vezes, o defeito de se poderem mostrar desactualizadas muito depressa. Um investimento na modernização de uma exposição, com um peso muito grande em novidades tecnológicas, pode ver-se com pouco retorno e esgotado mais rapidamente do que se previa.

As novas tecnologias aliam uma forte componente gráfica, atractiva, à interactividade, mas muitos museus de ciência conseguem fazer o mesmo com tecnologias de há alguns séculos, com soluções engenhosas, sem recorrer a dispositivos electrónicos muito

sofisticados e dispendiosos. Estes têm a vantagem de serem menos susceptíveis de falhas materiais, carecerem de menos energia e de um menor investimento. Para um museu com as características do da Lourinhã esta solução deve ter primazia, sempre que possível, sobre as novas tecnologias.

Podemos sistematizar os materiais interpretativos que não implicam a presença de software complexo na tabela 6:

Tabela 6: Classificação dos materiais interpretativos por natureza e mobilidade

	Estáticos	Móveis
Materiais gráficos	Legendas; posters; maquetas	Catálogo; desdobrável
Materiais áudio	Gravações	Audio-guia
Materiais vídeo	Vídeo/Filme	Telemóvel
“Materiais” humanos	Técnico de sala	Visitas guiadas

O item telemóvel refere-se às novas possibilidades de, com um software especializado, descarregarem-se informações relativas a um dado local e, com isto, poder-se, por exemplo, obter-se informações vídeo-guias no telemóvel de cada visitante.

Nos materiais gráficos estáticos pretende-se a uniformização das legendas ao longo do museu, com tradução em língua inglesa. O mesmo ocorrerá nos posters.

O material impresso deverá ser concebido a fim de veicular informação diferenciada a diferentes públicos, isto é, crianças, escolas, visitantes com maior interesse e que gostam de ler toda a informação, e outros. Este material impresso pode ser dado à entrada, como desdobráveis, estar exposto, como os posters e legendas, e ser consultado em dispensadores próximos.

O Museu da Lourinhã nunca teve um catálogo impresso das suas colecções e pretende-se que das alterações efectuadas emergja o primeiro catálogo (*Match media with message*). Este catálogo deve ser o mais adaptado possível a diferentes leituras. Assim como os posters propõem-se que seja bilingue e com chamadas rápidas a diferentes profundidades de informação. Exemplo: imagem e legenda a um primeiro nível de destaque, uma pequena contextualização até cerca de 500 caracteres a um segundo nível de destaque, e história de vida dos objectos, com características particulares, a um terceiro nível de destaque. Isto permite que, de uma forma inteligente, com um investimento inicial um pouco mais elevado, pois a elaboração deste catálogo seria um pouco mais complexa, se pouparia pois este catálogo serviria a um leque de público mais vasto.

Na etnografia ainda é possível fazer a recolha de material audiovisual em alguns ofícios; desde registos sonoros, como por exemplo o apito do amolador, a registos vídeo, com entrevistas de histórias de vida dos objectos, com por exemplo entrevistas com o sapateiro, trabalhador e doador das peças do seu ofício. No caso deste material será necessária prever a conseqüente aquisição, e incorporação expositiva, das respectivas colunas e ecrãs para a transmissão dos registos. Em alguns casos em que a recolha de material áudio e vídeo seja mais difícil, outra das novas tecnologias que se pode aplicar são as molduras digitais, com um investimento relativamente baixo e uma fácil preparação de material e manutenção.

Um dos serviços que pode trazer algum retorno no seu investimento é a utilização de áudio-guias. Regra geral aparelhos com gravações incorporadas, onde se pode escolher a língua da explicação, e onde esta é despoletada pela marcação de um código que está sinalizado junto ao objecto. Neste caso alguma da recolha de material áudio pode-se associar à explicação do objecto. É este tipo de material que poderá ser preparado para ser descarregado para telemóveis.

As maquetas são também uma forma gráfica de se conseguir transmitir, de uma forma muito evidente e natural, uma ideia ou um conceito, sem serem necessários grandes explicações e que dispensam repetições noutras línguas. Mais à frente são propostas a criação de algumas maquetas específicas.

CAPÍTULO III - Propostas para o futuro

O Museu da Lourinhã não sendo estatal, ou seja, não funcionando com receitas públicas, mais ou menos constantes e seguras, e não tendo uma grande fundação por trás que dê suporte financeiro à sua actividade diária²⁶, tem a sua fonte de receita mais insegura e sujeita às flutuações do mercado. Neste caso, por flutuações do mercado compreenda-se o fluxo de visitantes e não o mercado bolsista. Estas vão depender de diversos factores tão incontrolláveis como o clima²⁷, as actividades culturais paralelas, os festivais de Óbidos, ou filmes que tenham sido exibidos recentemente com dinossauros.

Por sua vez, o público tem um duplo papel na criação de receitas. Por um lado, através da entrada, ao pagar o seu ingresso, e, por outro lado, à saída, na compra de produtos na loja. Também as receitas (vendas) da loja têm incidências diferentes conforme o tipo de público. Alunos do sétimo ano compram muitos produtos pequenos e de baixo valor; alunos dos décimos anos não fazem compras significativas, preferindo guardar o dinheiro para outras despesas fora do museu. O público adulto, inserido em visitas familiares, compram mais produtos de valor elevado a fim de satisfazer as crianças e, reconhecidamente dentro desses, os turistas tendem a gastar mais dinheiro que os visitantes locais, tal como é descrito por Kotler & Kotler (1998).

Com praticamente 66 % das receitas da responsabilidade dos visitantes (38% das entradas e 28 % da loja), e 54% dos custos referentes a salários²⁸, é fácil fazer um paralelismo, em termos contabilísticos, entre o museu e uma empresa comercial com fins lucrativos. Tanto a direcção como os funcionários compreendem que os salários e fundos para investimento em museologia dependem, em boa medida, das receitas geradas pelos visitantes (entradas+loja).

Compreende-se então o papel crucial que os visitantes têm, certamente mais do que noutros museus, para a sobrevivência do Museu da Lourinhã. Esse papel não deve ser descurado e o discurso expositivo deve adaptar-se e ser apelativo aos diversos tipos de público, com a captação de novos visitantes e fidelização dos que já visitam o museu.

²⁶ Os museus da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Medeiros e Almeida são exemplos de museus suportados financeiramente por fundações sólidas.

²⁷ Sabemos, por observação directa, que más condições atmosféricas no Inverno dissuadem visitantes de ir ao Museu, assim como, durante o Verão, os fazem ir ao Museu por não terem condições para fazerem praia.

²⁸ Relatório Anual de Contas referente a 2009

Face ao exposto nos capítulos anteriores podemos resumir que:

- i) a exposição do museu está dividida em três grandes colecções: de Arqueologia, Etnografia e Paleontologia;
- ii) o discurso expositivo do Museu da Lourinhã resulta maioritariamente da exposição de peças recolhidas por um casal de colecionadores/fundadores;
- iii) as peças foram expostas à medida das capacidades e da importação de material de suporte provenientes de outras exposições;
- iv) as visitas do museu dividem-se essencialmente por dois principais tipos de públicos: individuais (“adultos”) 59,6%; e grupos (escolares), 40,4%;
- v) 52,9 % dos visitantes adultos em visitas individuais admitem que vêm ao museu pelos dinossauros;
- vi) 75,5 % das visitas em grupo são escolas cuja visita ao museu está inserida no programa escolar de ciências naturais.

Como já foi referido o pavilhão de paleontologia foi inaugurado em 2004 e é a secção do museu que tem recebido mais cuidados com a sua apresentação. O pavilhão de paleontologia está longe de ser um exemplo expositivo mas é, sem dúvida, o sector do museu que apresenta uma museografia mais cuidada. Este aspecto revela-se através da homogeneidade das suas legendas, a existência de textos em duas línguas (português e inglês), e o agrupamento possível dos fósseis por tipos de animais. Essa preocupação é evidente visto que esta exposição é o ponto forte do museu; é devido a ela que a larga maioria dos visitantes vêm, é a que tem mais visitantes e que recebe mais visitas de figuras públicas, entidades políticas e visitas oficiais, como foi a do Presidente da República Jorge Sampaio em 2004 e a qual se cingiu aos dinossauros.

Por este motivo as exposições de Arqueologia e Etnografia têm sofrido de um maior desinteresse no que concerne ao seu modo de apresentação e comunicação. Este desinteresse não deve ser entendido como um desprezo por parte da direcção do GEAL. A falta de verbas, capacidade de mão-de-obra, e coordenação de trabalho no que respeita à arqueologia e à etnografia, quando comparada com a maior motivação por parte da equipa de paleontologia, com constante procura de terceiros para fazerem

voluntariado nos dinossauros, faz com que as exposições tenham duas dinâmicas muito distintas com velocidades de produção de resultados muito diferentes.

Pelos factos aqui expostos é objectivo deste trabalho cingir-se mais às exposições de Arqueologia e Etnografia, cuja museografia tem sido mais descuidada, e ao espaço do antigo edifício do tribunal que as alberga.

A procura da fidelização do público do museu com o discurso expositivo tem que ter em atenção os diferentes tipos de públicos, a diversidade das colecções, e a diferente fruição e uso que o público faz da colecção.

É na Arqueologia que se deve apostar na fidelização do público escolar adaptando melhor o discurso expositivo às matérias abordadas no programa de história, mas sem desprezar o público não escolar que tenha dificuldade em entender, devido ao desconhecimento ou ao esquecimento da matéria em questão. Sempre que possível esta alteração deve incidir sobre espólio encontrado na Lourinhã, combinando assim o local com o nacional, como se fosse possível apresentar toda a pré-história através de exemplos locais.

Como já referido, é com a Etnografia que alguns Lourinhanenses se identificam mais. Os que visitam o museu são, muitas vezes, aqueles que doaram peças ou que têm, no museu, o acervo de algum familiar - um avô ou um tio – e quando recebem visitas trazem-nas ao museu para que conheçam um pouco da vida desse seu familiar e observem, inclusivamente, uma possível foto desse familiar. Outros, só conheceram o museu em idade escolar, onde o visitaram no âmbito de uma visita de estudo, e não voltaram.

Quem trabalha no museu é frequente ouvir (em contexto social) “Nunca fui ao museu! Estou há tantos anos para lá ir e nunca lá fui, e sou da Lourinhã!”

Apesar da Lourinhã ser o quinto concelho que mais visita o museu, os Lourinhanenses representam apenas 3,23% dos visitantes inquiridos e, destes, 47% visitava o museu pela primeira vez. Embora os dados não sejam demonstrativos, parece que, tirando os que voltam por causa das suas ligações familiares, é raro que estes visitem ou retornem ao museu. Um diálogo fraco do museu com a população local, ausência de exposições temporárias, e uma campanha pobre para a descoberta das novidades podem ser desmotivadores para o regresso ao museu não conseguindo este fidelizar o público.

Sequência

O museu já conheceu diversas sequências de visita, que se foram alterando conforme as necessidades de acolhimento de novas peças de grandes dimensões ou de obras efectuadas. A sequência actual é Arqueologia → Etnografia → Paleontologia, sendo que, dentro da Etnografia se inclui a Adega, a Agricultura, o Salão das Profissões, a Sala das Colectividades e Tempos Livres, a Arte Sacra e a Casa Rural.

Sem contabilizar com a visita livre, com o visitante a escolher começar a visita pela colecção que mais lhe agrade, pode-se imaginar sequências de visita diferentes. Num cenário de percurso imposto existe desde logo a hipótese cronológica ascendente: Paleontologia → Arqueologia → Etnografia, ou seja, milhões de anos, milhares de anos e anos. A hipótese cronológica descendente: Etnografia → Arqueologia → Paleontologia. A hipótese que existe actualmente: Arqueologia → Etnografia → Paleontologia, deixa o ponto forte do museu para o fim.

A discussão de algumas hipóteses é inconsequente pois não é expectável serem exequíveis, arquitectonicamente por obrigarem a obras de remodelação muito profundas, e logo, excessivamente onerosas.

Não querendo minimizar a importância que pode ter o percurso da visita, a que se poderia contrapor a importância da hipótese de escolha individual, cingir-se-á este trabalho à sequência actual, que é a que tem aplicação real. No entanto, dentro do acervo etnográfico alterações existirão na cadência actual.

Arqueologia

A seguir ao pavilhão da paleontologia, a Arqueologia é uma das salas onde os grupos escolares mais se demoram, é a outra matéria que está incluída no programa escolar do sétimo ano e cujos alunos abordaram há pouco tempo. Importa então que a exposição vá ao encontro do leccionado e das expectativas dos professores de História. Por outro lado, os conhecimentos da maioria do público adulto reportam-se a bases semelhantes, obtidos também em contexto escolar. Assim espera-se que a percepção dos dois tipos de públicos seja mais ou menos semelhante, tirando as diferentes capacidades de apreensão do exposto.

A divisão actual da exposição de Arqueologia no museu fá-la confundir-se com a Pré-história. Não só porque o discurso expositivo apoiado nos antigos painéis do Museu

Nacional de Arqueologia a isso o convidam, como também porque o acervo arqueológico, não pré-histórico, é reduzido e está mal exposto.

Por outro lado, o acervo arqueológico não pré-histórico, que para o caso da Lourinhã começa a tomar expressão com vestígios de ocupação Romana, pode ser tratado na variante de história da Lourinhã, sendo que aqui a Lourinhã, mais que uma designação geográfica, é já uma identidade nomeável com relevo geopolítico. Beleza Moreira (2002) na sua obra sobre *Eburobrittium*, capital da *civitates* (distrito) onde estava localizado o concelho da Lourinhã, liga as duas localidades através de duas epígrafes funerárias, uma delas dedicada a Caio Júlio Lauro, datado da segunda metade do século II d.C..

Propõe-se para a Sala de Arqueologia uma exposição de pré-história com incidência no espólio encontrado na Lourinhã. Legitima-se assim uma sala de arqueologia mais generalista que articula o espólio local com a pré-história nacional e universal.

A arqueologia terá como secções o Paleolítico, Mesolítico, Neolítico e Calcolítico com enfoque ao fenómeno do Megalitismo, que não é um período mas mais uma cultura do Neolítico e do Calcolítico.

Um ponto de ligação que se pretende usar entre as diversas épocas, e sempre que possível no resto da colecção do museu, são as alterações da linha de costa com a compreensão da evolução da quota do nível do mar e as suas consequências. Nos últimos tempos tem-se instalado, primeiro na comunidade científica e depois na opinião pública, um certo alarmismo relativamente às previsões de subida do nível do mar (Assunção Araújo, *sem data*) e actualmente, tanto os adultos como os estudantes começam a ter noção de que esta linha não é estável e já sofreu, e irá sofrer, alterações profundas que irão provocar modificações no modo de vida, paisagem e ambiente.

A visualização das diversas alterações costeiras que o mundo em geral, e a Lourinhã em particular, sofreram ao longo das diversas épocas, irão sendo abordadas ao longo da exposição como um *leitmotiv*, que questionará o visitante sobre as consequências da acções humanas sobre o meio ambiente.

Kevin Walsh (1995) no capítulo *The museum as a facilitator* (pp. 160-175) refere a ideia da cronologia ligada²⁹, isto é, e utilizando o exemplo da exposição *Bíblia e arqueologia* do Museu Britânico, em 1990, em que eram ligadas as sequências

²⁹ *Linked chronologies*, no original.

cronológicas do Egipto, Palestina e Mesopotâmia. Apesar de se assumir algum conhecimento por parte dos visitantes, a cronologia ligada pode levar a uma maior compreensão do que aconteceu no “mundo”.

São pontos do programa de história do 7º ano de escolaridade³⁰ perceber a evolução das diversas espécies de homínídeos, identificar os instrumentos fabricados pelo homem, conceitos de nomadismo e sedentarismo, sociedades recolectoras e produtoras, períodos da arqueologia e megalitismo.

O paleolítico português não inclui toda a evolução humana que é leccionada no programa escolar, quanto muito só a partir do *Homo sapiens*, e esse é um ponto a ter em consideração. Pretende-se a apresentação de réplicas representativas da evolução do ser humano, nomeadamente crânios de *Australopithecus*, *Homo habilis*, *Homo erectus*, Homem de *Neanderthal*, Homem de *Cro-Magnon* dispostos numa árvore horizontal que obvie a evolução do homem e o aumento do volume craniano, e que apresente também alguns objectos típicos, originais da Lourinhã (se possível) ou algumas réplicas específicas, como placas de xisto, por exemplo, e uso de ilustração a fim de conseguir a *linked chronologie*. A actual exposição do paleolítico já apresenta duas réplicas de crânios: *australopithecus* e *neanderthal* (fotografia 4).

O mesolítico é um período intermédio entre o paleolítico e neolítico com estações conhecidas no litoral da Estremadura como é o caso de Vale Frades, Ponta da Vigia e Toledo, Lourinhã (João Luis Cardoso, 2007). No mesolítico pretende-se destacar como estas estações, conhecidas como concheiros, testemunham a ocupação de pequenas comunidades, junto a zonas litorais, com uma indústria lítica pouco diversificada (Ana Cristina Araújo, 2003) e com consumo de bivalves num processo de transição entre o nomadismo caçador/colector e o sedentarismo com a agricultura/pastorícia.

O neolítico está representado principalmente por pedras polidas e material descoberto na gruta da Feteira. A gruta da Feteira serviu de necrópole neolítica (João Zilhão, 1984) e apresenta materiais diversos como ofertas votivas com enxós polidas, lâminas de sílex e cerâmica.

O menir de Reguengo Grande faz a ligação entre o neolítico e o calcolítico através do megalitismo. O aparecimento de monumentos funerários como dolmens ou grutas naturais e artificiais, tal como as sepulturas de cúpula (*tholoi*), fazem da Estremadura

³⁰ Baseado nos planos curriculares de história do 7º ano da Escola de Marinhas e “site da educação” (www.educacao.TE.pt).

portuguesa uma região de grande importância no contexto do Neolítico e do Calcolítico (Mateus & Mateus, 2008).

A tholos de Paimogo é o monumento megalítico mais importante da Lourinhã e foi descoberto em 1968 por Leonel Trindade em prospecção na zona de Paimogo (Lourinhã) e escavado de 5 a 21 de Outubro de 1971 (Gallay *et all.*, 1973). A notícia do jornal *Alvorada* de Novembro de 1971, refere que a inexistência de um museu levou à consequente colocação das peças para o Museu Municipal Leonel Trindade, de Torres Vedras (artigo já citado anteriormente). Uma das propostas concretas que se pretende deixar neste trabalho seria a exposição de réplicas de algumas peças chave encontradas nas escavações e uma pequena maquete da própria tholos, hoje já inexistente.

Aceitando o desafio do 4º ponto de Kotler & Kotler (1998): *a good question is better than a declaration*, já anteriormente referido na introdução, haveria à saída da sala de arqueologia espaço para uma questão do género: *Serei eu o produto acabado de uma evolução ou um passo intermédio num período interglaciar?*

Etnografia

Por Etnografia, no Museu da Lourinhã, compreende-se o acervo que não pertence à Paleontologia e à Arqueologia, ou seja, a Arte Sacra, Metrologia e Brinquedos, ou, de outra forma, por todo o acervo que pertence ao homem moderno (por oposição à pré-história). No entanto é uma etnografia do passado, dos meados do século XX, que não pretende retratar o presente, ou pelo menos o presente para a maioria dos Portugueses mais jovens e urbanos.

Em termos de área do museu, a Etnografia distribui-se pela Etnografia agrícola, Salão das profissões, Sala das colectividades e tempos livres, Arte sacra, Casa tradicional salaio e o pátio. Por sua vez a Etnografia agrícola aproveita as divisões do próprio edifício e faz uma distinção em Adega, Eira e uma pequena parte de Pesca. Além destas colecções mais nomeáveis, existem pequenos espólios espalhados por diversos cantos do museu como alguma indumentária, metrologia, imagens de D. Lourenço Vicente, entre outros.

Etnografia Agrícola: Adega

A adega é uma sala com objectos da produção de vinho (fotografias 7 e 8). Esta sala foi alvo de algumas alterações no início de 2007 com uma sequência de exposição que vai desde a “cava e plantio” até ao “lagar e adega”, seguindo o ciclo da planta, do bacelo à vindima. Esta sala é a que menos alterações se propõem sendo que estas resumir-se-ão a reordenação das peças, a fim de se adaptar ao circuito da visita, e adaptação dos expositores.

Apesar da Lourinhã não ter uma produção vinícola surpreendente, a sua aguardente vínica, *Aguardente da Lourinhã*, tem Denominação de Origem Controlada (DOC) reconhecendo uma qualidade comparável às outras duas aguardentes DOC no mundo: *Cognac* e *Armagnac*. Propõe-se também um pouco mais de destaque a este ponto que é um dos fenómenos identitários da Lourinhã.

Etnografia Agrícola: Eira, Produção Animal e Pesca

Com uma área de 69,50 m², esta sala é a maior do rés-do-chão e tem uma parede divisória em L com pouco menos de 2 metros de altura que permite a sua divisão mantendo a sua amplitude. Inclui objectos do mundo rural dedicados à produção de cereais e vegetais, à produção animal e à pesca.

Na “eira” só estão expostos objectos dedicados à produção de cereais até a sua transformação e moagem (fotografia 10).

Esta exposição está condicionada por algumas alfaias de maiores dimensões e por isso a secção agrícola está também no pátio (fotografia 49), nomeadamente através de uma debulhadora mecanizada e de duas carroças. O espaço e acesso ao interior impedem que estas peças fiquem na sala.

Alguns objectos mais pequenos encontram-se repetidos, como os malhos (manguais), forcados, crivos, foices e outros.

Como já referido, reproduções do Livro de Horas de D. Manuel I acompanham a exposição das alfaias ilustrando e ordenando cronologicamente os trabalhos agrícolas (fotografias 11 a 13). As próprias iluminuras introduzem o tema da produção animal, com a pastorícia, tosquia e matança do porco. Estas iluminuras serão substituídas por fotografias de Lourinhanenses e, se possível, materiais áudio visuais.

Aqui, além dos objectos destinados à produção de vegetais existe a exposição de algumas actividades pecuárias como a Pastorícia, a Tosquia, a Queijeira e a Matança.

Apesar de ser denominada etnografia agrícola esta inclui um sector da pesca devido à estreita ligação entre a população de algumas aldeias com o mar, nomeadamente pela ocupação em ofícios ligados à pesca, como a conserto de redes, covos, marisqueiras, pesca de subsistência, entre outros. Além disso maior parte da população não vivia somente da pesca ou do campo, sendo uma actividade complementar da outra. A sala apresenta algumas armadilhas para apanha de peixe como os covos, cuja arte ainda é possível vislumbrar-se nas aldeias e vila piscatórias da Lourinhã (fotografia 15). A Lourinhã tem algumas freguesias, nomeadamente Atalaia e Ribamar, com uma população mais dedicada à pesca cujas traineiras se encontram no porto de Peniche. No entanto não deixam de existir embarcações de pequena dimensão com propósito de recreio e pesca tradicional, de subsistência, através dos covos ou pesca à linha.

Sala das profissões

A sala das profissões, ou o salão, era a sala de audiências do tribunal, e é o maior espaço de exposição do museu. Dois quadros de grande dimensão (2x4 m) ocupam boa parte da parede de frente. Do século XIX estes quadros estão assinados por Valle e são provenientes do antigo clube “14 de Julho”, que era uma organização cultural fundada pelo Visconde Palma de Almeida, o último visconde da Lourinhã. Um dos quadros representa uma cena bucólica de dança campestre e outro uma dança palaciana tipo minuet. A relação destes quadros com o edifício é inexistente, apesar de pertencerem à mesma época. Estão presentes no museu desde o início deste e a sua presença dá um ar mais solarengo ao salão retirando a austeridade de sala de audiências.

A sala apresenta actualmente 22 ofícios sobre 19 estrados. As profissões não têm uma ordem aparente nem um critério de sequência. Uma das necessidades que mais se sente é a de se agrupar os diversos ofícios e uma das formas que permite uma boa compreensão é a encontrada no quadro 5 através da categorização do resultante da profissão.

O número de ofícios representados parece ser um pouco excessivo para a sala, faltando, nalguns casos, algum espaço de “respiração”.

É nesta sala que os Lourinhanenses mais sentem as suas origens pois é aqui que estão representados os objectos pertencentes aos seus familiares e lugares, mas é também esta sala que mais exposições pode albergar em modelo de rotatividade. O acervo do museu permite a existência de outras profissões mas, a rotatividade dos ofícios levaria a uma

alteração da política do Museu, tanto em termos organizativos e logísticos como na relação com o público, nomeadamente o Lourinhanense.

Na seguinte tabela esquematizamos as principais vantagens e desvantagens que ambos os modelos trariam.

Tabela 7	Vantagens	Desvantagens
Rotatividade	1) Exposição de maior número de profissões. 2) Maior manutenção das peças.	1) Maior necessidade de mão-de-obra, planeamento e meios. 2) Maior eficiência na gestão das reservas (na perspectiva dos custos).
Manutenção	1) Fidelização dos visitantes que nos doaram as peças em exposição. 2) Maior vigilância das peças expostas	1) Estagnação. 2) Desinteresse do público que revisita.

Medindo os prós e os contras de ambos os modelos, propõem-se que a exposição de etnografia, na sala de artes e ofícios, tenha uma rotatividade na apresentação das profissões, esperando-se que as vantagens superem as desvantagens. Para a execução desta tarefa é expectável que:

- i) surja um desconforto inicial por parte dos doadores, ou herdeiros destes, ao verem aquele que era o seu património a ser temporariamente retirado, porém parece-nos que a política museológica não deve ficar refém de exigências de doadores embora deva ser sensível a estas;
- ii) exista alguma diferenciação em termos de ofícios nucleares – onde a eventual remoção de exposição será só feita por motivos de força maior, empréstimos para exposições temporárias externas ou necessidade de ampliação de espaço por celebração de uma efeméride – e ofícios em rotatividade – ofícios cuja presença possa ser substituída por outra, por períodos de tempo definidos, e cujo objectivo seja renovação da exposição;
- iii) haja ampliação ou criação do acervo de alguns ofícios como o Juíz, Fornos de cal, Corticeiro, Mercearia, entre outros, com uma recolha mais activa de objectos desse ofícios e entrevistas aos seus antigos proprietários;
- iv) se proceda à remoção de algumas profissões a fim de entrarem no circuito de rotatividade, sofrerem tratamentos de conservação e restauro, e permitir uma maior área de circulação.

Pretende-se que resulte uma exposição visualmente mais “limpa”, com um percurso mais linear e melhor compreensão das actividades, sempre que possível acompanhado por uma fotografia do principal doador (trabalhador) dos objectos expostos, textos simples e de leitura fácil, mas que possam remeter o visitante a outras fontes de informação (*site*, catálogo, textos em dispensadores, entre outros), em alguns casos poder-se-á recorrer a manequins e maquetas apesar destes suportes serem geralmente mais caros e necessitarem de mais espaço.

A ordenação das profissões por categorias pode ajudar à melhor apreensão de conhecimentos. Classificaram-se as profissões pelas seguintes categorias que visam agrupar-las segundo elementos comuns (Tabela 8). A classificação dos ofícios existentes do museu, e de alguns outros possíveis de aumentar o acervo, é difícil pois um único critério (tipo de serviços, ou matérias primas, ou público, ou bens produzidos) cria sempre associações de ofícios que parecem ter fracas componentes em comum. Esta classificação é apenas uma das possíveis representando talvez o agrupamento actualmente utilizado.

Tabela 8 – Classificação das profissões por categoria

Categoria	Ofícios/profissões/coleções
madeiras	Resineiro, Carpinteiro, Torneiro*, Tanoeiro, Segeiro, Serrador*, Cesteiro*, Corticeiro**
rocha e terra	Oleiro**, Canteiro, Cerâmicas tijoleiras*, Forno de cal*
indumentária	Alfaiate, Sapateiro, Lavadeira, Tear*
animais	Arreador, Correeiro, Ferrador
comércio itinerante	Amolador, Ourives, Petrolino
letrados	Botica, Escola*, Juíz**, Manga de Alpaca, Fotógrafo
consumíveis	Barbeiro, Pirolitos, mercearia**

* - Profissões prioritárias para uma reformulação expositiva

** - Profissões contempladas para montagem de exposição e/ou aquisição de acervo

Sala das colectividades e tempos livres

“O homem e o lazer” é o mote da sala que contém actualmente exposições sobre o Café Nicola, a Banda, os Bombeiros, a Escola, o Cucciolo, os Brinquedos, a Feira (jogos tradicionais) e um Tear (fotografia 32). Na generalidade, por algumas coleções da sala, percebe-se que estamos a falar de objectos relacionados com o convívio, com o

associativismo, com o usufruto de tempos livres. No corredor, à saída da sala, existe uma secção dedicada à metrologia.

A coerência desta sala não é muito sólida, com as diversas colecções muito heterogéneas, algumas pouco ligadas ao nome da sala.

Internamente sabemos que aquela sala foi para onde foram alguns objectos que não se adequavam a outros espaços do museu, alguns devido à dimensão outros por falta de espaço noutras salas, ou seja, para algumas colecções a escolha do local foi mais devido ao arranjo espacial do que a uma lógica de discurso expositivo.

Seria esta sala que se transformaria na Sala da Lourinhã.

A secção da banda é apresentada através do estandarte da Sociedade Lírica Moitense, da Moita dos Ferreiros, um fato da Banda dos Bombeiros Voluntários da Lourinhã, actual AMAL, Associação Musical e Artística Lourinhanense, um clarinete, algumas partituras e um missal com uma partitura de quatro linhas (fotografia 34).

As peças que retratam as associações Sporting Clube Lourinhanense e os Bombeiros Voluntários da Lourinhã sugerem outra forma de ocupação de tempos livres, não profissional, dos Lourinhanenses e não tem qualquer relacionamento com a história das referidas associações (fotografias 33 e 35).

Por sua vez, os jogos tradicionais, brinquedos, café Nicola, já são mais perceptíveis como objectos do “tempo livre” (fotografias 36, 38, 39 e 40).

A secção da escola e do tear terão o seu lugar na sala das profissões (fotografia 37).

Praticamente nenhum destes objectos possui legendas e são poucos os textos explicativos.

Na concretização da alteração do discurso expositivo do museu, esta seria a sala que sofreria reformulações mais profundas, com alguns destes objectos a serem redistribuídos para outras salas, alguns, eventualmente a passarem para as reservas, e outros a serem reintegrados no novo discurso expositivo da Sala da Lourinhã.

Sala da Lourinhã

Apesar de estar explícita a implantação geográfica do museu, e de estar implícito logo na designação de Museu da Lourinhã que estamos num lugar que relata a história do concelho, não é linear a apresentação da história da vila. O Museu da Lourinhã é, na verdade mais um museu na Lourinhã, do que da Lourinhã. E isto reconhecendo toda a injustiça desta afirmação, sendo o acervo quase totalmente do concelho salvo algumas

excepções. Na arqueologia as estações tem os nomes das aldeias onde foram descobertas, assim como os dinossauros tem o nome dos locais e suas características. Na etnografia, as colecções cujas proveniências são de um doador principal, ligado aos objectos, a origem geográfica deste é mencionada.

É um dos objectivos da proposta de discurso expositivo que aqui se apresenta obviar a história da Lourinhã, desde a sua génese até alguns acontecimentos mais recentes. A concretização desta proposta passaria pela transformação de uma sala na sala da Lourinhã reunindo uma série de peças que já existem, dispersas pelo museu. Seria um museu local, de identidade local, cobrindo os vestígios do passado e do presente, com a apresentação de alguns dos marcos históricos e a sua relação com a história de Portugal. De uma forma mais modesta seria o mesmo conceito subjacente ao Museu da Cidade de Lisboa: “Organizadas de forma cronológica, apresentam a evolução da cidade, desde os primórdios ao século XX, passando por alguns dos aspectos mais marcantes da sua história³¹”

Um outro objectivo, mais político, é de levar a que a autarquia se empenhe mais no museu. Se imaginarmos o Museu a Lourinhã como sendo autárquico, e segundo o valor recebido por este, em 2009, referentes a subsídios da Câmara Municipal da Lourinhã (51.111,03 €), o município estaria a despende a um museu de vinte e cinco mil visitantes anuais, o equivalente a menos de seis ordenados mínimos nacionais (incluindo os diversos impostos e a 14 meses). Duma certa perspectiva, este não deixa de ser um bom negócio para a Câmara que se vê equipada com um museu a custos muito inferiores se o mesmo fosse por si tutelado. O Museu da Lourinhã, ao se colar mais à identidade da vila, e principalmente quando ocupa o lugar de museu municipal, faz sobressair mais esse papel, que competiria ao museu municipal, e pode ter mais propriedade para exigir um maior empenho autárquico.

Na Sala da Lourinhã desenvolver-se-ia um pouco da história da vila, iniciando-se pelo período romano com a réplica da epígrafe dedicada a Caio Júlio Lauro (GAIO IVLIO LAVRO) até ao final do século XX.

É lícito imaginar a origem do nome da Lourinhã como Terras de Lauro. O sufixo *anum* significa área agrária e da união *Lauro* + *anum* resulta uma fonética que facilmente evoluiria para a actual Lourinhã: Terra de Caio Júlio Lauro, um dos *quattuorvi* de

³¹ In <http://www.museudacidade.pt/Lisboa/Paginas/default.aspx> acedido a 03 de Maio de 2010.

Eburobrittium (Alarcão, 1990), nobre romano, provavelmente senhor da Lourinhã, administrador e seu proprietário.

Rui Cipriano (2001), a propósito da identidade da Lourinhã, admite que uma vila romana teria estado na sua origem, à qual teria ido buscar o nome.

Na história da Lourinhã, do período romano até a D. Afonso Henriques existe um hiato que é interrompido pela doação de foral em 1160 a D. Jordão (Mário Baptista Pereira³², 1991). Durante a primeira dinastia existem confirmações e anulações de forais e donatários que acabam por não ter expressão no legado histórico da Lourinhã vindo a vila a ter um novo expoente com reinado de D. João I, com o Arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente.

D. Lourenço Vicente é natural da Lourinhã e o auxílio ao Mestre de Aviz em diversos momentos, nomeadamente na Batalha de Aljubarrota e nas cortes de Coimbra, onde desempenha um papel importante na eleição de D. João I, torna-o um dos principais conselheiros régios. É a ele que se atribui a construção do monumento mais antigo da Lourinhã: a igreja de castelo, entre 1384 e 1397 (VVAA, 1939), e é sobre ele que existe algum material exposto nas escadas do museu.

Da igreja do castelo são originários os dois mais antigos brasões associados à Lourinhã, um a pedra de fecho da abóbada da capela-mor, séc. XIV, e outro o brasão que encimava a porta principal da igreja, aí colocado durante o primeiro restauro (séc XVI/XVII), retirado em 1939 e agora em exposição no museu.

As invasões francesas são o ponto alto seguinte na história da Lourinhã. A abertura do Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro leva a ponderar a manutenção em exposição do estandarte comemorativo do 1º centenário da batalha do Vimeiro (1809-1909).

Em termos de materiais históricos, para incorporar na Sala da Lourinhã propõem-se uma réplica da inscrição de GAIO IVLIO LAVRO com destaque para a possibilidade de associação entre Lauro e Lourinhã (Laje São Lourenço dos Francos - Século II); uma impressão em formato grande da transcrição do foral da Lourinhã (Arquivo Nacional Torre do Tombo - Séc. XII); e a réplica do brasão da pedra de fecho de ogiva da Igreja do Castelo / D. Lourenço Vicente (Séc. XIV). Uma maqueta interpretativa da bacia da

³² Mário Baptista Pereira cita como fonte «HERCULANO, Portugaliae Monumenta Historica, Constitutiones ... pág. 448 § ANTT – Livro I dos Bens dos Próprios, dos Reis e Rainhas, fl. 45 V., Gaveta 15, Maço 9, nº 22» e apresenta uma cópia do documento original.

Lourinhã e alteração do nível do mar com as quotas referentes aos séculos II, XII e XX ligaria os diversos momentos históricos atrás descritos.

No século XX o acervo da Lourinhã diversifica-se e podemos incluir a metrologia, Câmara, feiras e mercados, colectividades, cafés e também a arte sacra, além de alguma informação demográfica, fotografias, mapas da Lourinhã (com as alterações do urbanismo), e outros aspectos.

Arte Sacra

A sala de arte sacra situa-se no meio do percurso da etnografia, é a mais pequena do museu com uma capacidade muito limitada para acolhimento de visitantes. A pequena sala terá de sofrer uma alteração profunda devido à sua configuração e área, e essa mudança levanta o problema de como tratar a arte sacra: expressão religiosa, como arte (sacra) ou documentos históricos?

Chris Arthur (2000) questiona a forma como a religião é mostrada ou exposta nos museus e com que tipos de materiais. Onde devemos localizar a religião? Nos seus artefactos [entre outras coisas] ou na forma como as pessoas interpretam os ensinamentos e valores religiosos e os aplicam na sua vida? Segundo o autor, ambas as perspectivas devem ser contempladas. Apesar de algum acervo poder remeter para objectos de culto (relicários, estatuária ou registos) não parece ser esse o caminho que crie a melhor ligação com o resto do museu. Além disso, na definição da “natureza de actividade” do GEAL, é explícito³³ que a sua “actividade exerce-se com efectiva independência das confissões religiosas” (entre outras).

À medida que evoluímos para uma sociedade global, com muitos países com populações diversas e plurais, é necessário, mais do que nunca, respeitar e ser enriquecido pela variedade e diversidade das culturas mundiais. (Martin Pyant, 2000)

O museu não tem uma vertente dedicada à religiosidade, também não a tem relacionado com a arte, apesar dos quadros religiosos presentes.

A proposta que se faz é tornar a exposição de arte sacra numa zona de passagem junto à saída da Sala da Lourinhã.

Uma das peças mais apreciadas da sala de arte sacra é a maqueta duma igreja. A história desta maqueta não se cruza com a da vila tirando o facto de a sua doadora ser da aldeia

³³ Artigo 7º dos estatutos do GEAL.

do Seixal, Lourinhã. As únicas referências geográficas que estão presentes são a cidade de Lisboa por o escultor, J. F. Prudêncio, ter iniciado e completado a maquete aí e o ter inscrito, e uma referência a Louriçal do Campo, uma aldeia do distrito de Castelo Branco, numa impressão colada no interior de um janelão. Ambas as referências geográficas são, no entanto, insuficientes para localizar com segurança a localização prevista da igreja, não se podendo atribuir a obra a uma povoação específica, o que torna a Lourinhã uma localidade tão meritória de receber a maquete como qualquer das outras. É das peças mais recordadas pelos visitantes que retornam ao museu e isso torna, de certa maneira, imperativa a sua presença.

Além desta maquete existe um oratório e seis quadros pertencentes a D. Benardete Betencourt, esposa piedosa do Dr. Afonso Rodrigues Pereira (1892-1961) que foi Ministro dos Negócios Estrangeiros, Cônsul Português no Brasil, e Conselheiro na Embaixada no Vaticano. Não havendo descendentes, o casal acabou por doar os seus bens ao município. Uma das C+S da Lourinhã ficou com o nome Dr. Afonso Rodrigues Pereira, assim como o Centro Cultural, que é actualmente a biblioteca e o centro de exposições, onde, outrora, era a residência do casal. Algum do património religioso da D. Bebé (como era chamada por assinar com B.B.) faz hoje parte do espólio do Museu.

Casinha rural

Com a saída para o pátio, e a entrada para a casinha rural dá-se um retrocesso ao tema da agricultura e à ruralidade. Houve uma época em que esta área esteve encerrado sendo utilizado como reservas e armazenamento de material e muitos visitantes, que já conheciam o museu, tinham pena de não poder voltar a ver a recreação do quarto e cozinha, o que levou à reabertura do espaço que é dos mais apreciados do público mais velho, por nela reconhecer as casas dos avós.

Esta é a única área do museu cujos objectos da exposição se encontram montados *in situ*, segundo a definição de Barbara Kirshenblatt-Gimblett (1991), enquanto que as restantes colecções do museu estão *in context*. O efeito criado pela percepção da habitação rural, de 45 m², antiga, em comparação com o dia-a-dia actual urbano é intenso, tal como a mesma autora referia para exposições do quotidiano de diferentes culturas. É perceptível nas visitas guiadas a crianças a facilidade de se espantarem como era a vida antigamente: “sem água canalizada, sem electricidade, nem frigoríficos, nem

microondas, nem casa de banho, nem desenhos animados!” sugere-se ao público mais novo durante as visitas guiadas.

No quarto existe um pequeno manequim de um bebé a dormir dentro de um berço, e que agrada os visitantes mais novos, principalmente as meninas, e na cozinha já existiu um manequim de uma senhora vestida com os trajes rurais de trabalho. Este manequim foi retirado por degradação e nunca foi substituído por outro.

A casinha rural não é o sector mais necessitado de alterações no seu discurso expositivo. Quando esteve encerrada, a procura desta exposição pelo público que já a conhecia demonstrou que era um dos pontos fortes da etnologia do museu. Exceptuando os materiais interpretativos que necessitam de ser reformulados (as legendas são inexistentes) e a possível reposição do manequim, não se propõe fazer remodelações a este sector deixando-o essencialmente como uma representação do mundo rural.

Conclusões

O Museu da Lourinhã, com as características próprias das suas colecções acaba por ter uma identidade mais local, no que concerne à arqueologia e etnologia, mas uma identidade que poderia ser de âmbito mais nacional quando se fala da sua exposição de paleontologia. A manutenção destas três temáticas juntas só se justifica por pertencerem a uma colecção privada. A dimensão e importância internacional da colecção de paleontologia já justifica a criação de um museu disciplinar.

Os museus disciplinares definem bem a natureza do seu acervo, como é claro no Museu Nacional de Etnografia, o Museu Nacional de Arqueologia, o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu Geológico e Mineiro, ou o Museu Nacional de História Natural. Os museus mistos e pluridisciplinares, que em 2005 representavam 14,9 % dos museus (Neves & Santos, 2006), são mais característicos estarem sob a tutela da administração local, com uma secção de Arqueologia e Etnografia, e possivelmente outra colecção. Só na zona oeste, são disso exemplos o Museu Municipal do Bombarral, o Museu Municipal de Peniche, o Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré), o Museu Leonel Trindade (ou Municipal de Torres Vedras), ou o Museu Municipal do Cadaval. Estes dois últimos possuem também uma colecção paleontológica mas distinguem-se do da Lourinhã pela dimensão mais modesta das suas colecções.

Uma alteração mais abrangente do que a que aqui se propõe, só seria viável com um orçamento muito acima do expectável e com obras de alterações arquitectónicas de tal forma grandes que deixaríamos de ter a mesma realidade de trabalho, da qual partiremos para as propostas que aqui se apresentaram.

Se se vier a concretizar o projecto do Mundo Jurássico a separação da colecção de paleontologia das outras duas tornar-se-á inevitável. O fluxo de visitantes a uma exposição que perde o seu carácter de unicidade, o seu ponto forte, será previsivelmente menor. Se esse museu, então somente arqueológico e etnográfico, se mantiver igual e sem capacidade de reagir a mudanças, com certeza o seu resultados a nível de captação, ou manutenção, de público, será ainda mais baixo. Sabemos que um museu não pode viver em função do volume de visitantes, mas sendo um das funções museológicas a comunicação, a transmissão de conhecimento, se não existirem receptores dessa

conhecimento a sua missão terá sido empobrecida. E num museu cujo modelo de gestão depende tão fortemente do público para a sua sobrevivência, o não ter entradas pode ser fatal. Não sendo objecto deste trabalho a procura da solução para as colecções de arqueologia e etnologia, caso se dê esta separação em dois núcleos distintos, é a ajuda na preparação a essa transformação, caso se dê.

Um dos objectivos é a melhor adequação do discurso expositivo, do espaço, e do acervo ao público existente, respondendo às necessidades específicas para cada sala ao público que nelas mais se demora. Dos diferentes conceitos utilizados para a arqueologia e etnologia espera-se que sejam adequados para que a visita ao Museu da Lourinhã seja produtiva na aquisição de conhecimentos, confortável, agradável, e, conseqüentemente, crie vontade de repetir a experiência.

O aumento do acervo do Museu da Lourinhã é diferenciado conforme as suas colecções. Na área da paleontologia continuam a ser feitas prospecções e escavações que vão aumentando o número de fósseis todos os anos a uma velocidade superior à das outras áreas. A colecção de arqueologia estabilizou em relação ao número das suas peças, mas a colecção de etnografia continua a receber doações espontâneas que merecem configurar também na sua exposição. A forma que nos parece melhor de permitir uma exposição de um maior número de peças é fazer rodar os ofícios expostos.

Outro dos objectivos foi a alteração do circuito expositivo, de forma a acolher melhor os visitantes, desde a recepção à saída, a ampliação do acervo etnográfico para futura inclusão na rotatividade da exposição, e promover assim um maior dinamismo criando um factor de estímulo para voltar a visitar o museu.

Foram concebidas as alterações estruturais que foram consideradas as exequíveis para as características actuais do GEAL. A escassez em espaço, dinheiro e pessoal não permite reformulações muito profundas. Previu-se a alteração e ampliação da entrada, uma conseqüente alteração do circuito expositivo, ampliação da sala das colectividades e discurso expositivo com a extensão para a sala de arte sacra e transformação no espaço da “Sala da Lourinhã”. As propostas que aqui se apresentaram poderiam corresponder a um hipotético primeiro dossier para um concurso público. Das *propostas para o futuro*, que são, na verdade, a concretização prática deste trabalho, emergiram diversas sugestões, apoiadas na bibliografia, com a consciência da realidade do acervo e

das capacidades do museu, evitando uma pormenorização que seria só necessária a uma segunda fase de concurso, já com aprovação conclusiva deste suposto projecto, e onde seria, então, necessário estudos mais específicos de museografia, como por exemplo relação de todos os objectos que ficam em exposição, volumetrias, mobiliário de exposição, materiais interpretativos, etc.

A alteração do discurso expositivo resulta da necessidade que o museu tem de combater a estagnação que, principalmente as exposições de arqueologia e etnografia têm sofrido, com a consequente adaptação do mobiliário expositivo, actualização do material interpretativo e renovação da forma de expor, e de ver, as colecções. Tudo isto tendo em vista um público-alvo que se pretende atrair cada vez mais.

Como o actual público do museu é diferenciado e com comportamentos diferentes, conforme o contexto de visita e consequente época do ano, optou-se por discursos diferentes, entre a arqueologia e etnografia, para potenciar melhor a visita de cada tipo de público.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge, 1990. *O Domínio Romano. Portugal das Origens à Romanização*, in **Nova História de Portugal**, I, Lisboa, pp. 345-437.
- ANTUNES, M.; MATEUS, O., 2003. **Dinosaurs of Portugal**. *Comptes Rendus. Palévol* 2 (1): 77-95.
- ARAÚJO, Assunção. 2008. *Aula 5: Variações do nível do mar*. acessado em <http://web.letras.up.pt/asaraújo/seminario/Aula5.htm> em 28-02-2010.
- ARAÚJO, Ana Cristina, 2003. *O Mesolítico inicial da Estremadura*. in **Muita gente, Poucas antas? Origens, espaço e contextos do megalitismo**. Actas do II colóquio internacional sobre o megalitismo: IPA, Lisboa. pp. 101-114
- ARTHUR, Chris, 2000. *Exhibiting the sacred*. in **Goldy Things. Museums, Objects and Religion**. Crispin Paine (ed.) Leicester University Press. London. pp. 1-27. ISBN: 0-7185-0153-5
- BELEZA MOREIRA, José, 2002. **A cidade romana de EBUROBRITTIUM, Óbidos**. Mimesis (ed.) Porto. ISBN: 972-8744-39-0
- BONAPARTE, J. F., MATEUS, O., 1999. *A new diplodocid, Dinheirosaurus lourinhanensis gene t sp nov, from the late Jurassic beds of Portugal*, in *Revista do Museu Argentino de Ciências Naturais* 5 (2), pp. 13-29.
- CARDOSO, João Luis, 2007. **Pré-história de Portugal**. Editorial Verbo (1ª ed.: 2002) 456 p. ISBN: 978-972-22-2157-3 130129
- CIPRIANO, Rui Marques, 2001. **Vamos Falar da Lourinhã**, Câmara Municipal da Lourinhã (ed.), 299 p. ISBN: 972-95005-4-1
- CUSTÓDIO, José Manuel, 2003. *Lourinhã Capital dos Dinossauros* em *Revista CAIS*, nº 79, Setembro de 2003.
- DANTAS, P., Sanz, J.L., [et al.], 1998. *Lourinhasaurus n. gen. Novo dinossáurio saurópode do Jurássico superior (Kimeridgiano superior-Titoniano inferior) de Portugal*. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, Tomo – 84, Fascículo – 1, Tema – A, pp. 1-94.

- DES/SIC, 2005. *Inquérito aos Museus – Documento Metodológico*, Departamento de Estatísticas Sociais / Sociedade de Informação e do Conhecimento, INE.
- GALLAY, G., Spindler, K., TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da V., 1973. **O Monumento Pré-Histórico de Pai Mogo (Lourinhã)**, Lisboa: AAP.
- GURIAN, Elaine Heumann, 2001. *What is the object of this Exercise? A meandering exploration of the many meanings of objects in museums*, in **Humanities Research** Vol. 8, No 1, pp. 25-36.
- HERNANDÉZ HERNANDÉZ, Francisca, 2001. **Manual de Museologia**, Editorial Síntesis, Madrid, 319 p. ISBN: 84-7738-224-7
- JORDANOVA, Ludmilla, 1989. *Objects of Knowledge: A Historical Perspective on Museums*, in **The New Museology**, Peter Vergo (ed.), Reaktion Books, Londres, pp.22-40. ISBN: 0-948462-04-3
- KIRSHENBLATT-GIMBLET, Barbara, 1991. *Objects of Ethnography* , in **Exhibiting Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display**. Ivan Karp and Steven D. Lavine (ed.), Smithsonian Institution Press, Washington, pp. 386-443. ISBN: 1-56098-021-4
- KOTLER, Neil, & KOTLER, Philip, 1998. **Museum Strategy and Marketing**, Jossey Bass (ed.), San Francisco, 395 p. ISBN: 0-7879-0912-2
- VASCONCELLOS, J. Leite de, 1980. **Etnografia Portuguesa**, volume II, Imprensa Nacional Casa da Moeda (Ed.), Lisboa.
- NEVES, José Soares & SANTOS, Jorge Alves dos, 2006. *Os Museus em Portugal no Período 2000-2005: Dinâmicas e Tendências*. OAC – Observatório das Actividades Culturais, 24 p. Acedido a Dezembro de 2008 em http://www.oac.pt/pdfs/OAC_Museus%20em%20Portugal_2000-2005.pdf
- MATEUS, Isabel & MATEUS, Simão, 2008. *Recinto megalítico do Casal Leitão, Reguengo Grande (Lourinhã)*, in Al-madan, IIª série, nº 16, Dezembro 2008, pp. 38-43.
- MATEUS, Octávio, 1998. *Lourinhansaurus antunesi, a new Upper Jurassic allosauroid (Dinosauria Theropoda) from Lourinhã (Portugal)*, in **Memórias da Academia de Ciências de Lisboa**, 37, pp. 101-110.

- MATEUS, Octávio, ANTUNES, Miguel Telles, 2001. *Draconyx loureroi, a new Camptosauridae (Dinosauria, Ornithopoda) from the Late Jurassic of Lourinhã, Portugal*, in Ann Paléontol (2001) 87, 1, pp. 61-73
- MATEUS, O., MAIDMENT, S.C.R., CHRISTIANSEN, N.A., 2009. *A new long-necked 'sauropod-mimic' stegosaur and the evolution of the plated dinosaurs*. Proceedings of the Royal Society B, first online. DOI 10.1098/rspb.2008.1909.
- MATEUS, Octávio, MERGULHÃO, Hernâni, 2008. “O Museu da Lourinhã, os dinossauros e o novo Museu do Jurássico”, V Seminário do Património do Oeste, publicado em <http://lusodinos.blogspot.com>, a 11 de Novembro de 2008.
- MITCHELL, W.J. Thomas, 1998. **The Last Dinosaur Book**. The University of Chicago Press, Chicago.
- NEUFERT, Ernest and Peter. 2002. **Architect's Data**, Blackwell Science, 3ª Ed, 648 pp. ISBN-10: 0632057718
- PEARCE, Susan, 1992. **Museums, Objects and Collections: A Cultural Study**, Leicester University Press, Londres. ISBN 0 7185 1320 0
- PEREIRA, Mário Baptista, 1991. **Lourinhã, contribuições para a sua história**. Câmara Municipal da Lourinhã (ed.) 118 p.
- PYANT, Martin, 2000. *Religion by design*. in **Goldy Things. Museums, Objects and Religion**. Crispin Paine (ed.) Leicester University Press. London. pp. 143-150. ISBN: 0-7185-0153-5
- RAPOSO, Luís, 1993. *Museus de Arqueologia*, in **Iniciação à Museologia**, Universidade Aberta (ed.) pp. 201-227. ISBN 972-674-104-1
- RAPOSO, Luís, 2004. *Algumas reflexões acerca da definição de programas expositivos: o exemplo do Museu Nacional de Arqueologia*. Boletim da Rede Portuguesa de Museus, nº 12, pp. 10-16, Lisboa.
- SILVA, et all., 2001. **Programa de Biologia e Geologia, 10º e 11º anos**, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- VVAA, 1985. **International Code of Zoological Nomenclature**, 3ª Ed.

VVAA, 1998. **Colóquio – Colloquium, Paleoambientes do Jurássico Superior em Portugal, Geologia, Vegetação, Ovos & Dinossauros, Mamíferos**, Academia de Ciências de Lisboa (ed.), Lisboa 1998.

VVAA, 1939. **Igreja Matriz da Lourinhã**, Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 16, Ministério das Obras Públicas e Comunicações (ed.) Junho 1939.

WALSH, Kevin, 1995. *The museum as a facilitator*, in **The Representation of the Past - Museum and Heritage in the post-modern world**, Routledge (ed.), Londres, 204 p. ISBN: 0-415-07944-6

ZILHÃO, João, 1984. **A Gruta da Feteira (Lourinhã) – Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica**. Trabalhos de Arqueologia 01, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa.

Fontes

Entrevistas

Entrevista do autor a Isabel Mateus, por correio electrónico, a 4 de Novembro de 2009. 1º dossier, “Discurso Expositivo – ML”, arquivo do autor.

Entrevista do autor a Isabel Mateus, por correio electrónico, a 29 de Novembro de 2009. 1º dossier, “Discurso Expositivo – ML”, arquivo do autor.

Material impresso

ALVORADA, 1971, *Importante descoberta Arqueológica do Vale de Paimogo - Lourinhã*, artigo assinado por Frederico Almeida, 28 de Novembro de 1971, p.7.

DISCOVER, *The Top 100 Science Stories*, artigo assinado por Ann Gibbons, Janeiro 1998, p.50.

EXPRESSO (REVISTA), 1997, *Os Achadores do Passado – Figura Nacional*, artigo assinado por Rui de Carvalho, Nº 1313, 27 de Dezembro de 1997, pp. 42-45.

CML, *Livro 7º de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Lourinhã (1887-1891)* (7º Livro do fundo Original; 2º Livro do Fundo actualmente existente)

Escola de Marinhais, Plano Curricular do Agrupamento Vertical de Escola de Marinhais, Área Curricular de História do 7º ano de Escolaridade.

Relatório Anual de Contas do GEAL referente ao exercício de 2009. Apresentado e aprovado em Assembleia Geral Ordinária a 27 de Março de 2010.

Sítios da internet

<http://lusodinos.blogspot.com> (Blog de internet do Doutor Octávio Mateus, paleontólogo associado ao Museu da Lourinhã)

<http://www.cm-lourinha.pt> (Câmara Municipal da Lourinhã)

<http://www.educacao.TE.pt>

<http://www.museulourinha.org> (Museu da Lourinhã)

<http://www.museudacidade.pt> (Museu da Cidade de Lisboa)

<http://www.simaomateus.com>

Documentos do GEAL – Museu da Lourinhã

GEAL, Relatório de Actividades de 1995

GEAL, 2010. Relatório de Actividades e Contas de 2009

Mateus, Simão, e Mateus, Octávio, 2007, *Concurso Internacional de Ilustração de Dinossauros*, documento interno. 21 p.

Mateus, Simão, 2009. *Inquérito ao Público 2008/2009, Museu da Lourinhã*, documento interno. 11 p.

Anexos

Sala de Arqueologia



Fotografia 1 – Sala de Arqueologia, vista geral.



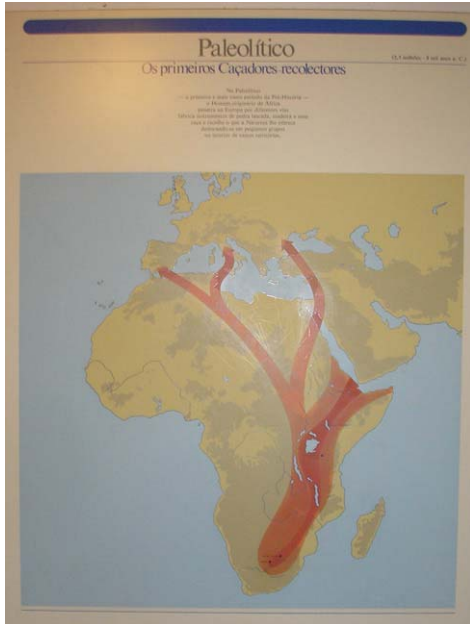
Fotografia 2 – Sala de Arqueologia, exposição do Neolítico; Pormenor da utilização dos painéis do Museu Nacional de Arqueologia



Fotografia 3 – Sala de Arqueologia, Menir.



Fotografia 4 – Sala de Arqueologia, Paleolítico; Réplicas de crânios em exposição



Fotografia 5 – Exemplo de um painel do Museu Nacional de Arqueologia.



Fotografia 6 – Sala de Arqueologia, Pormenor das legendas

Etnografia Agrícola, sala da vitivinicultura



Fotografia 7 – Etnografia agrícola, sala da vitivinicultura, vista geral.



Fotografia 8 – Etnografia agrícola, sala da vitivinicultura, vista geral (outro ângulo).



Fotografia 9 – Etnografia agrícola, sala da vitivinicultura, pormenor sobre as vindimas

Etnografia Agrícola, sala da “eira”



Fotografia 10 – Etnografia agrícola, exposição da eira, vista geral.



Fotografia 11 – Etnografia agrícola, exposição da pastorícia e plantio.



Fotografia 12 – Etnografia agrícola, exposição da lavra e plantio (pormenor)



Fotografia 13 – Etnografia agrícola, exposição da pastorícia (pormenor)



Fotografia 14 – Etnografia agrícola, corredor com expositor das alfaias manuais de cabo longo.



Fotografia 15 – Etnografia agrícola, exposição da pesca.

Salão das Profissões



Fotografia 16 – Escadas e Corredor



Fotografia 17 – Salão das Profissões (vista geral)



Fotografia 18 – Salão das Profissões, exposição do alfaiate



Fotografia 19 – Salão das Profissões, exposição do amolador.



Fotografia 20 – Salão das Profissões, exposição do serrador/resineiro.



Fotografia 21 – Salão das Profissões, exposição do seigro (abegão).



Fotografia 23 – Salão das Profissões, exposição do canteiro.



Fotografia 25 – Salão das Profissões, exposição da lavadeira/engomadeira.



Fotografia 22 – Salão das Profissões, exposição do oleiro.



Fotografia 24 – Salão das Profissões, exposição da indústria cerâmica.



Fotografia 26 – Salão das Profissões, exposição do petrolino.



Fotografia 27 – Salão das Profissões, exposição do sapateiro.



Fotografia 28 – Salão das Profissões, exposição do correiro.



Fotografia 29 – Salão das Profissões, exposição do tanoeiro.



Fotografia 30 – Salão das Profissões, exposição do barbeiro.



Fotografia 31 – Salão das Profissões, exposição dos pirolitos.

Sala das Colectividades e Tempos Livres



Fotografia 32 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, vista geral.



Fotografia 33 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, exposição dos Sporting Clube Lourinhanense.



Fotografia 34 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, exposição das bandas.



Fotografia 35 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, exposição dos bombeiros.



Fotografia 36 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, exposição do Café Nicola.



Fotografia 37 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, exposição da escola.



Fotografia 38 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, exposição de brinquedos e cucciolo.



Fotografia 39 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, exposição dos jogos tradicionais.



Fotografia 40 – Sala das Colectividades e Tempos Livres, pormenor da feira.

Arte Sacra



Fotografia 41 – Sala da Arte Sacra, vista da porta.



Fotografia 42 – Sala da Arte Sacra, paramentos e quadros.



Fotografia 42– Sala da Arte Sacra, pormenor.



Fotografia 44 – Sala da Arte Sacra, vista sobre o oratório.

Pátio



Fotografia 45 – Pátio.



Fotografia 46 – Pátio, vista exterior da casa tradicional saloia.



Fotografia 49 – Pátio, vista do telheiro.



Fotografia 47 – Casa tradicional saloia, cozinha.



Fotografia 48 – Casa tradicional saloia, quarto.

Pavilhão da Paleontologia



Fotografia 50 – Pavilhão de Paleontologia, *Miragaia longicollum*.



Fotografia 51 – Pavilhão de Paleontologia, *Triceratops*.



Fotografia 52 – Pavilhão de Paleontologia, *Lourinhasaurus*.



Fotografia 53 – Pavilhão de Paleontologia, *Lourinhasaurus* (outra perspectiva)



Fotografia 54 – Pavilhão de Paleontologia, *Torvosaurus*.



Fotografia 55 – Pavilhão de Paleontologia, *Lourinhanosaurus* e *Deinonychus*.